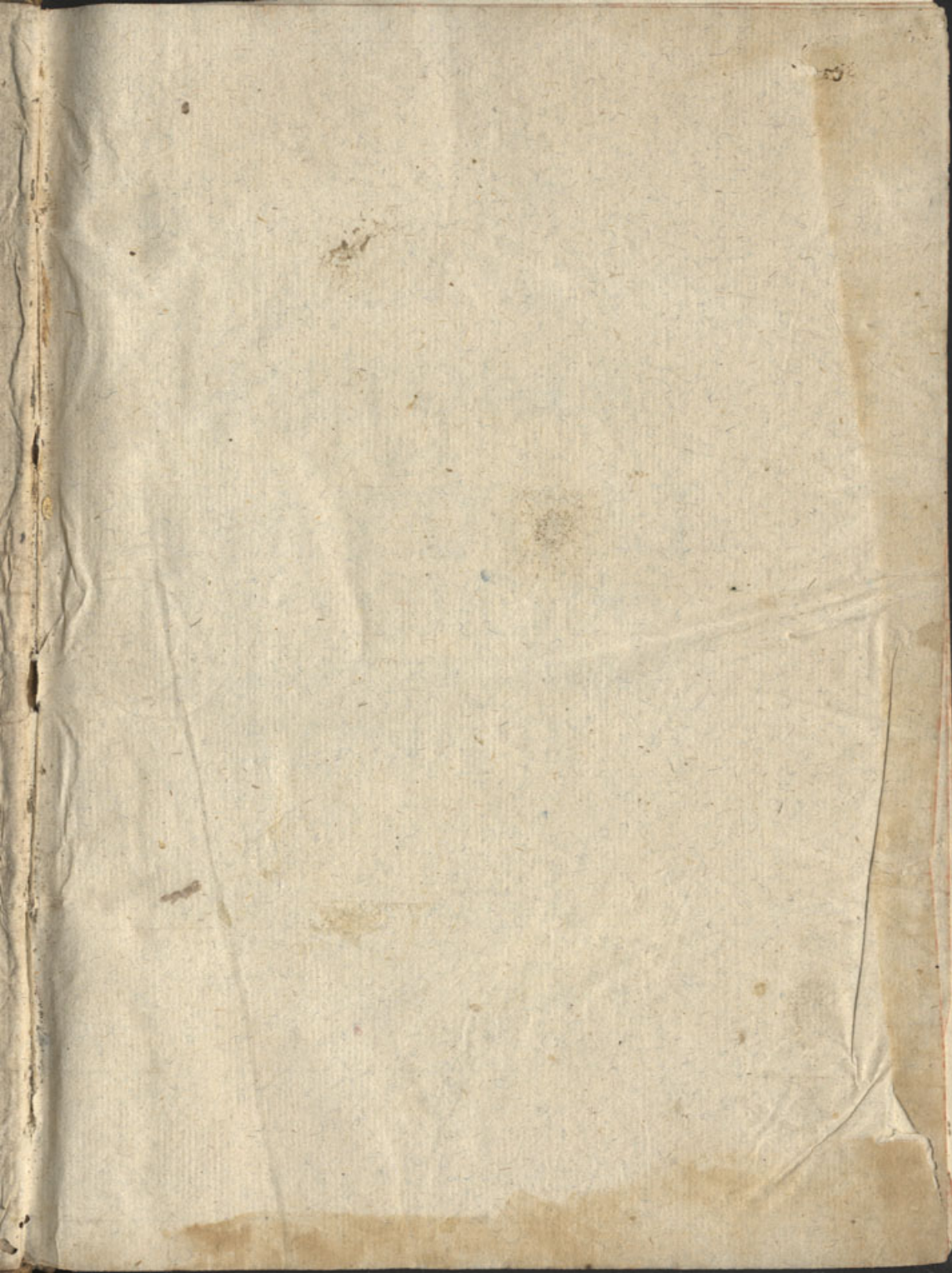




Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras



1317808994





LIBRARY OF THE
MUSEUM OF HISTORY



1875

MINISTORIA

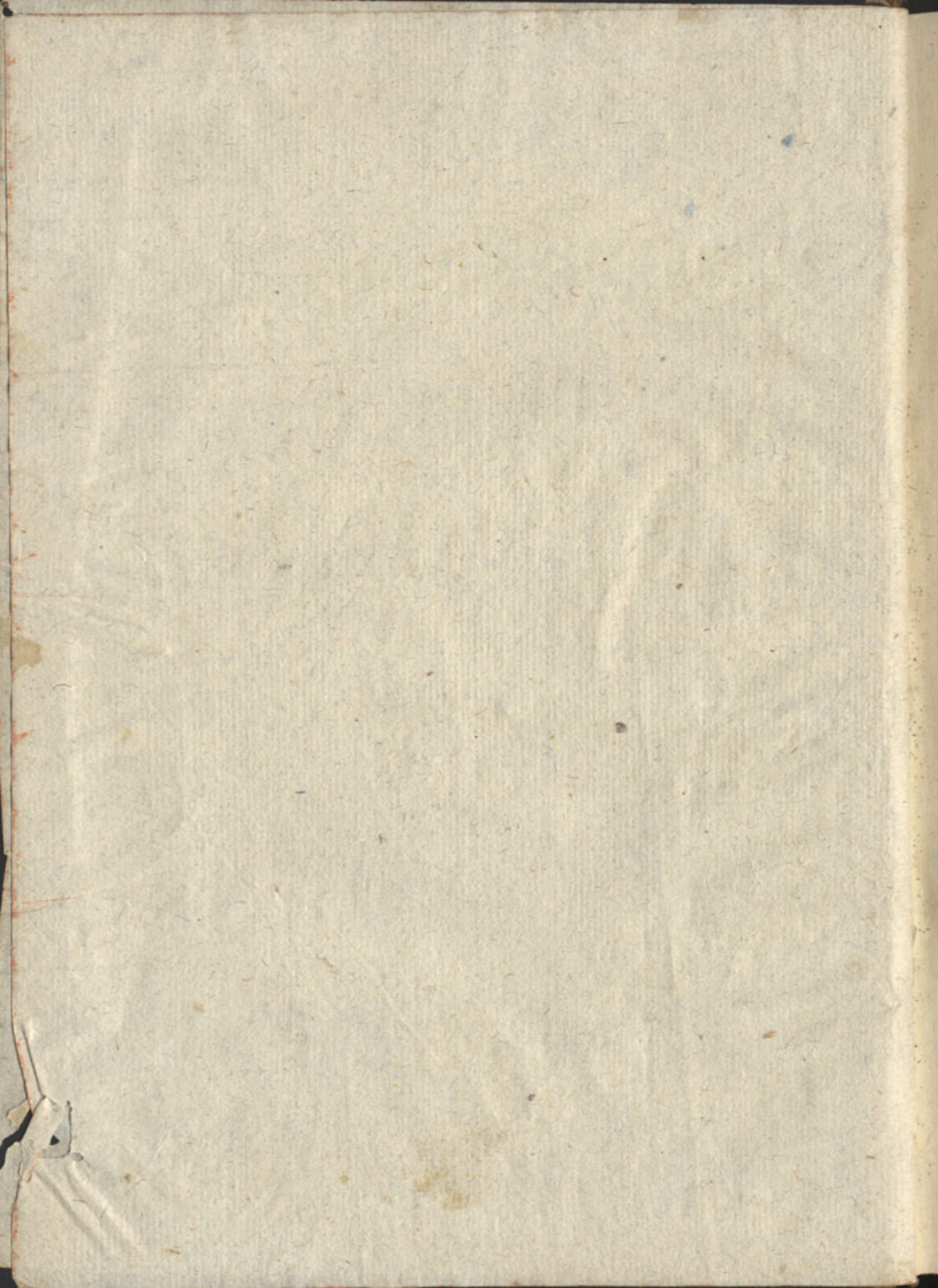
DE

PORTUGAL

REINADO

DE D. JOSE I.

TOMO IV.



HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO,
PARTE SEGUNDA,
TOMO IV.

HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTARADO.
PARTE SEGUNDA.
TOMO IV.

x

HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO,

EM QUE SE DA NOTICIA DAS MAIS GLORIOSAS
acções affim politicas, como militares, que obráraõ os Portu-
guezes na restauraçã de Portugal, desde o anno de
1662. até ao anno de 1668.

ESCRITA POR

D. LUIZ DE MENEZES,

CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO DE ESTADO
de Sua Magestade, seu Védor da Fazenda, e Go-
vernador das Armas da Provincia de Traz
os Montes, &c.

PARTE SEGUNDA,

Terceira vez impressa, e emendada.

TOMO IV.

| | |
|------|----|
| Sala | CE |
| Est. | 6 |
| Tab. | 5 |
| N.º | 8 |



LISBOA:

Nã Offic. de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.

Anno de M, DCC. LIX.

1759

Com todas as licenças necessarias.

HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTATURADO.

EM QUE SE DA NOTICIA DAS MAIS GLORIOSAS
e de outras politicas, como militares, que obraram no Reino
durante as restaurações de Portugal, desde o anno de
1640 até ao anno de 1668.

ESCRITA POR
D. LUIZ DE MENEZES.

CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO DE ESTADO
do Sua Magestade, seu Vedor da Fazenda, e Co-
mandador das Armas da Provincia de Trás
os Montes, &c.

PARTE SEGUNDA.

Tercia vez impressa e emendada.

TOMO IV.



LISBOA.
Na Off. de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.

Anno de M.DCC.LIX.

Com todas as licenças necessárias.

ENCADENADO DE
LETRAS
LEONARDO DE CAMBRESIS



LICENÇAS. DO SANTO OFFICIO.

PO'de-se reimprimir o livro, de que se faz menção; e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, no Paço de Palhavan, 13. de Março de 1759.

Silva. Trigofo. Silveiro Lobo.

DO ORDINARIO.

PO'de-se reimprimir o livro, de que se trata; e depois de reimpresso, e conferido torne. Lisboa, 3. de Abril de 1759.

D. Joseph Arceb. de Lacedemonia.

DO PAÇO.

Que se possa reimprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa, 5. de Mayo de 1759.

Carvalho. Emaûs. D.Velho. Siqueira.

Do Santo Officio.

Po'de correr. Lisboa, no Paço de Palhavan; 18. de Setembro de 1759.

Silva. Trigofo. Silveiro Lobo. Mello.

Do Ordinario.

Po'de correr. Lisboa, 26. de Setembro de 1759.

D. J. Arceb. de Lacedemonia.

Do Paço.

Que possaõ correr, e taxaõ em quinhentos reis cada Tomo. Lisboa, 27. de Setembro de 1759.

Com duas Rubricas.

PRO-

PROTESTAÇÃO.

O Author desta obra protesta , que tudo , o que está nella escrito , sujeita á censura da Santa Igreja Catholica Romana , e se confórma com os Decretos dos Summos Pontifices , e em especial com os de Urbano VIII. de 13. de Janeiro de 1625. approvados em 25. de Junho de 1634, e a modificação feita pelo mesmo Pontifice em 5. de Junho de 1631. : e que noã he a sua tenção que algumas materias , que contém esra Historia , que pareção milagres , ou succéssos sobrenaturaes , tenham mais credito , ou authoridade , que aquella , que merece a noticia , que alcançou destes succéssos , como Historia humana.

O Conde da Ericeira.

PROTESTAÇÃO

O
 Auctoridade dos Reis, e
 do, e que em esta cidade
 na acentua da Santa Igreja
 hea Romana, e se conforma com os
 Decretos dos Summos Pontifices, e em ellos
 cial com os de Urbano VIII. de 15. de Janeiro
 de 1625. approvados em 25. de Junho de 1625.
 e a modincação feita pelo mesmo Pontifice em
 2. de Junho de 1625. e que nos he a sua ten-
 ção que algumas matérias, que concernem esta
 historia; que pertenceo milagres, ou factos
 dos debrantares, temão mais credito, ou
 auctoridade, que aquella, que merece a no-
 ticia, que alcança deites factos, como
 Historia humana.

O Conde de Bragança



HISTORIA
DE
PORTUGAL
RESTAURADO.
LIVRO VII.

S U M M A R I O .



EFORC, A D. João de Austria o exercito, renova a fortificação de Gerumenha, e marcha a Veiros: entra no lugar, voa o Castello, passa a Monforte, que se lhe entrega, deixa a Villa presidiada; chega ao Crato, e porque intenta resistir-lhe, não tendo defenſa, condemna á morte o Governador, e enforca o Sargento Maior: continúa a marcha por Alter-Poderoso, manda voar o Castello: entrega-se-lhe o Assumar, e Ouguella, cujo Governador, por ser a Praça fortificada, padece o castigo

Anno
1662.

2 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno
1662.

castigo da sua infamia. Retira-se D. João de Austria para Badajoz, sem achar opposição nos seus progressos. Chegaõ a Lisboa os soccorros de Infantaria, e Cavallaria de Inglaterra. O Marquez de Marialva consegue licença para voltar a Corte, fica entregue o governo ao Conde de Schomberg, que breve mente passou tambem a Lisboa, e succedelhe no governo das Armas o General da Artilharia Diniz de Mello de Castro, e passa o Cõde de Mesquitella a Alentejo com titulo de Governador das Armas: interpredem os Castelhanos Souzel, mas sem effeito, e o Conde de Mesquitella volta a Lisboa, onde morre, ficando o governo outra vez entregue a Diniz de Mello. Sabe em Campanha o Conde do Prado primeiro que o exercito de Castilla, que com pouca dilacão entrou na Provincia de Entre Douro, e Minho, governado por D. Baltasar de Roxas Pantoja: intenta sitiar Valença, impede-o o nosso exercito, e da mesma sorte todos os progressos daquella Campanha, pelejando quasi todos os dias; e depois de gloriosos successos se retira D. Baltasar com o exercito quasi desbaratado. Na Provincia de Tras os Montes governa o Tenente General Domingos da Ponte Gallego sem acção digna de memoria. Os dous Partidos da Beira se unem ao Conde de Villa-Flor: entra nelles o Duque de Ossuna com o exercito de Castella, começa a levantar hum Forte em Escalvão. Sabe o Conde de Villa-Flor em Campanha, e obriga-o a se retirar: aperfeiçoa, e guarnece o Forte, recupera-o o Duque por trato: torna a ganhallo o Conde de Villa-Flor com baterias, e aproches. Chega a Lisboa a Armada de Inglaterra, embarca-se a Rainha e parte para aquelle Rey: o D. termina a Rainha Regente entregar o governo a El Rey seu filho, manda prender Antonio de Conte, seu irmão, e outras pessoas indignas, que assistiaõ a El Rey: varios discursos sobre
esta

esta resolução: resolve-se ElRey a tomar o governo. Anno
no. Successos das Embaixadas. Entra a Rainha de Inglaterra em Londres com grande applauso, 1662.
e magnificas festas. Noticia da guerra das Conquis-
tas.

EM quanto se passavaõ estes militares movimentos, dispunha com prompta diligencia D. Joaõ de Austria a ruinha dos lugares abertos, que ficavaõ menos distantes de Gerumenha, sollicitando com força, e industria accrescentar ao dominio d'ElRey seu pay o maior numero de vassallos Portuguezes, que lhe fosse possível; para que o exemplo facilitasse a inclinação dos outros Povos, que ficavaõ mais distantes. Nove dias se deteve em Gerumenha depois de rendida; e a vinte e tres de Julho poz o exercito em marcha, deixando por Governador da Praça ao Mestre de Campo D. Fernando de Escovedo, Cavalleiro da Ordem de S. Joaõ, com oitocentos Infantes, e trinta cavallos, e todo o dinheiro, e prevençoens necessarias para reedificar as muralhas, e ruina das casas da Villa. O primeiro alojamento, que occupou o exercito, foi sobre a Ribeira de Asseca, huma legoa de Villa-Viçosa, e diminuido com as mortes, doenças, e feridas, naõ passava de oito mil Infantes, e quatro mil cavallos. A noticia deste movimento obrigou ao Marquez a mandar unir ao exercito todas as tropas das guarniçoens yzinhas. Chamou a Conselho, e entre tantos votos, como haviaõ seguido a opiniaõ de se dar a batalha ao exercito de Castella fortificado nas linhas de Gerumenha, houve poucos que aconselhassem atacar-se em Campanha livre. quando o exercito inimigo se via em grande parte diminuido; succésso, que deve acautelar aos Generaes nos accidentes publicos, quando saõ desordenados por affectos particulares. Passaraõ os Castelhanos aquella noite sem algum desasoscego, e ao dia seguinte foraõ alojar á fonte dos Sapateiros; marcha, que poz ao Marquez em grã-

Reforça Dom Joaõ de Austria o exercito, renova a fortificação de Gerumenha, e marcha a Veiros.

4 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno 1662.

de cuidado, por serem muitas as Praças, para que o exercito de Castella podia pender daquelle sitio; e nesta consideração despedio guarniçoens ás Praças mais importantes, e com cinco mil Infantes, e dous mil e quinhentos cavallos marchou para o quartel de Estremoz, e deixou em Villa-Viçosa dous Terços de Infantaria. Logo que chegámos ao quartel, chamou o Marquez a Conselho, e sem controversia concordaraõ todos os votos em que se sustentasse aquelle posto, por ser o mais importante de toda a Provincia.

Entra no Lugar, voa o Castello, passa a Monforte, que se lhe entrega.

Continuou D. Joaõ de Austria a marcha, passou a Veiros, que se lhe entregou sem resistencia; porque, não sendo sentido das guardas, que estavaõ avançadas, entrou na Villa, que he lugar aberto, rendendo duas Companhias de cavallos dos Capitaens Ruy Pereira da Silva, e Pedro Luiz Paim, levando a Ruy Pereira com muitos soldados prisioneiros, e mandou voar o Castello, e parte do Castellejo. Deste lugar adiantou o exercito a Monforte, que governava Antonio Alvaro Vellez da Silveira. Era a Villa de maiores consequencias, que a de Veiros, e mais capaz de defensão com a guarnição de duas Companhias de Infantaria pagas, quatrocentos paizanos, e trinta cavallos: porém não bastando o bom successo de serem rechaçados os primeiros Castelhanos, que investiraõ as muralhas, prenderaõ os

Deixa a Villa presidida.

paizanos a Antonio Alvaro, e o entregaraõ com a Villa a D. Joaõ de Austria. Pareceo-lhe conveniente deixalla guarnecida com duzentos Infantes, e hum batalhão de Cavallaria, entregue o governo della ao Tenente de Mestre de Campo General D. Joaõ Braz. De Monforte se adiantaraõ os Castelhanos a Altér do Cham, Cabeça de Vide, e Alter Poderoso, e sem resistencia se renderaõ, padecendo toda a Campanha miseraveis estragos: sem dilação chegou D. Joaõ de Austria á Villa do Crato, que governava André de Azevedo de Vasconcellos, estando á sua ordem todas as Villas, e Lugares sujeitos ao Priorado do Crato. Tinha occupado o posto de Capitaõ de cavallos com muito boa opiniaõ, e era seu Sargento Maior Gonfalo Gonfálves de Chaves. Con-

Chega ao Crato; e porque intenta resistir-lhe, não tendo defensão, condemna à morte o Governador, e enforca o Sargento Maior.

stava

stava a guarnição de oitocentos Infantes Auxiliares, e Ordenanças, e intentando D. João de Austria que a Villa se rendesse sem resistencia, lhe não admittio André de Azevedo a proposta; porém começando a jogar a artilharia, se atemorizarao os paizanos de forte, que desampararao as muralhas; e quando alguns Clerigos, e Religiosos começavao a tratar das capitulaçoens, entrarao os Castellianos na Villa, e executarao nella extorçoens exquisitas: e querendo D. João de Austria atemorizar com a severidade, condemnou á morte a André de Azevedo, e ao Sargento Maior, por haverem esperado as baterias da artilharia em hum lugar sem defenſa; indigna ley da arte militar fazer culpado o attributo do valor, obrigando-o á mesma pena, com que o temor deve ser condemnado. André de Azevedo achou por interceſsores varios Officiaes, que tinhao sido prifoneiros na batalha de Elvas, a quem havia assistido com urbanidade; e o Sargento Maior padeceo arcabuzeado, mostrando varonilmente, depois de muitos actos Catholicos, desprezar a morte pela defenſa justa da sua patria. Ficou prifoneiro André de Azevedo, teve depois liberdade, e dignamente estimação da sua constancia. Acompanhou-o o Capitaõ de cavallos Diogo Caldeira. Do Crato desfez D. João de Austria a marcha por Alter-Poderoso, mandou voar o Castello, rendeo-se-lhe o Asumar, chegou á villa de Alegrete, que governava La Costé valeroso Francez, e mandando-lhe propor partidos, e fazer ameaças, lhe respondeo generosamente, que Sua Alteza era testemunha de como elle lhe havia defendido outras Praças; e com graciosa confiança lhe enviou dous frascos de vinho, dizendo-lhe que visse como traõ excellentes os daquela Praça, e que esse havia de defender até á ultima gottadelle; podendo tanto esta galantaria, que continuou D. João de Austria a marcha sem lhe fazer damno, e entrou em Ouguella sem resistencia pelo temor do Capitaõ Domingos de Ataide Mascarenhas, que o governava; e como a culpa era taõ grave, por ser a Praça, ainda que pequena, muito importante, tanto que Do-

*Continúa a
marcha por Al-
ter Poderoso,
manda voar o
Castello, entra-
ga-se-lhe o As-
sumar, e Ougu-
ella, cujo Go-
vernador, por
ser a Praça for-
tificada, padece
o castigo da sua
infamia.*

6 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1662.

*Retira se D.
João de Austria
para Badajoz
sem achar oppo-
sição nos seus
progressos.*

mingos de Atalde chegou ao exercito, o mandou en-
frentar o Marquez de Marialva, a hum Capitaõ de In-
fantaria, e a hum Ajudante; monstruoso effeito da guer-
ra defensiva morrerem huns, porque pelejaõ; outros,
porque se entregaõ; porém com a differença da gloria,
ou infamia posthuma. D. João de Austria obrigado do
rigor do Sol, que occasionou no exercito enfermida-
des, o retirou, e perdeu a opportuna occasião de o
achar armado a mudança do governo da Rainha Re-
gente, occasionada da deliberação d'ElRey seu filho,
como em seu lugar daremos noticia. Teve neste tem-
po aviso Bartholomeu de Azevedo Coutinho, Gover-
nador de Portalegre, de que em Arronches se esperava
hum comboi: mandou ao Commissario geral João do
Crato da Fonseca com seis Companhias, e encontra-
do o comboi, o tomou, pondo em fugida cento e vin-
te cavallos, que o conduziaõ, de que fez alguns pri-
sioneiros.

O Marquez de Marialva havia supportado com gran-
de coração todos os successos infelices desta Campa-
nha; e arrependido de não aceitar o parecer dos que
lhe aconselhavaõ a diversão de Albuquerque, os trata-
va com muita familiaridade, e professava toda a boa
correspondencia com o Conde de Schomberg, reconhe-
cendo a grande estimação, que merecia o seu procedi-
mento. O Conde da Torre, de espirito elevado, sus-
tentava diferente parecer na sciencia militar do Con-
de de Schomberg, seguido de varios Officiaes do ex-
ercito, e todos estes accidentes ajudavaõ os progressos
dos Castelhanos; porque o exercito se diminuia por
defatzençoens, e defordens, fugindo os soldados de ca-
vallo Auxiliares, e crescendo as enfermidades nos Infan-
tes pelos inuteis trabalhos, em que os empregavaõ. Nes-
ta infelice defordem se achava o exercito, quando
D. João de Austria sahio de Gerumenha, e ao mesmo
tempo da noticia da sua marcha recebeu o Marquez
de Marialva avizo de Lisboa de que ElRey D. Affon-
so havia tomado posse do governo do Reyno, assisti-
do de pessoas, com quem o Marquez não professava al-
guma

Anno
1662.

guma sociedade; contra-tempo, que o obrigou a avali-
 ar totalmente por abatida a sua fortuna: porém não
 mostrou com apparencia alguma, que o havia pertur-
 bado nem hum, nem outro golpe, e com incessante
 diavelo trabalhava por conservar o exercito; mas as
 doenças cresciaõ, o dinheiro faltava, a confusaõ da
 Corte se augmentava, com que os remedios se difficul-
 tavaõ. Servio de alivio ao Marquez a nova de have-
 rem chegado ao porto de Lisboa dous mil Infantes, e
 setecentos cavallos Inglezes, de que era Cabo o Con-
 de de Schequim, effeito da capitulaçaõ celebrada com
 ElRey da Gram-Bretanha. Desembarcaraõ os Inglezes,
 e passaraõ a Evora, e reprimio esta noticia os progres-
 sos de D. Joaõ de Austria, de sorte, que dividio o ex-
 ercito pelos antigos alojamentos, e despedio as carrua-
 gens. Deo o Marquez de Marialva conta a ElRey, e
 com ordem sua licenciou o exercito, e mandou adian-
 tar as fortificaçoens de Estremoz, Villa-Viçosa, e Por-
 talegre, para cujas guarniçoens se levantaraõ dous Ter-
 ços novos, os mais se reencherãõ, e se remontou a
 Cavallaria, entendendo-se, que D. Joaõ de Austria tor-
 naria a sair em Campanha o Outono seguinte: porém
 como o animo do Marquez se achava defasçoegado na
 mudança do governo, qualquer dia, que se lhe dila-
 tava chegar á Corte, tinha por arriscado, livrando no
 poder da sua assistencia a mell' ora da sua fortuna, que
 não necessitava de mais fiadores, que os seus mereci-
 mentos; por não ser precisa neste tempo a sua assisten-
 cia no Alentejo, por se aquartelarem os exercitos, con-
 seguiu licença, e partio para Lisboa. Quasi nos mes-
 mos dias fez o Conde da Torre a mesma jornada, e
 ficou entregue o governo ao Conde de Schomberg, que
 mal satisfeito dos succésos daquella Campanha, e obri-
 gado de varias queixas, havia feito em Villa-Viçosa dei-
 xaçaõ do Posto de Mestre de Campo General, que tor-
 nou a continuar obrigado das persuasoens da Rainha;
 porém com protesto de se lhe não faltar ao que com
 elle se capitulara, que fora adiantallo ao Posto de Co-
 vernador das Armas, sahindo o Conde de Atouguia por

8 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno
1662.

qualquer accidente daquella occupaçoõ , em que estava, quando ajustara com o Conde de Soure passar a Portugal. Partido o Marquez , mandou o Conde de Schomberg , que incessantemente assistissem partidas, mudando-se humas a outras , sobre as Praças de Badajóz , Olivença , e Albuquerque: e foi taõ util este cuidado , que se desvaneceu o intento de D. Joaõ de Austria interprender huma noite Villa-Viçosa, facilitando-lhe este intento o Mestre de Campo Digo Leite de Amaral , que pelo vil preço de dobroens havia sacrificado o seu credito á conveniencia dos inimigos da Patria. Descobriu-se o trato por huma partida , que se tomou , com outras evidencias , que se manifestaraõ: mandou o Conde de Schomberg prender Diogo Leite, remeteo-o a Lisboa , e depois de larga prizaõ , foi desterrado para a India , onde acabou a vida com menos castigo , que merecia o seu delicto.

*Succede lhe no
governo das Ar-
mas o General
da Artilharia
Diniz de Mello
de Castro.*

Na entrada do Inverno teve o Conde de Schomberg licença para passar a Lisboa: ficou governando Alentejo Diniz de Mello de Castro , novamente occupado em o Posto de General da Artilharia , por haver passado Pedro Jáques de Magalhaens a Mestre de Campo General da Provincia da Beira. Merecia Diniz de Mello este , e qualquer outro accrescentamento pelo grande valor , com que havia procedido em todos os Postos ; que exercitara do principio da guerra até aquelle tempo , sendo o mais evidente final do seu merecimento naõ haver no exercito Officiaes queixosos da sua occupaçoã. Poucos dias governou a Provincia sem superior, pela nomeaçã, que ElRey fez no Conde de Mesquitella de Governador das Armas da Provincia de Alentejo com sobordinaçoã ao Marquez de Marialva , se acaõ voltasse a ella ; cõr , que se pertendeo dar a esta novidade , por dissimular o escandalo da estranheza , que se ufava com o Marquez de Marialva , cuja authoridade, e procedimento naõ mereciaõ offensas publicas: porẽm prevaleceo nesta occasiaõ o desejo de se segurar o novo governo , entregando-se as occupaçoens maiores ás pessoas , que se julgavaõ menos dependentes dos bene-

benefícios da Rainha; e como o Conde de Schomberg também era prejudicado na eleição do Conde de Mesquitella pela pertençaõ ahi ma referida, não querendo passar a Alentejo sem novo ajustamento, ficou em Lisboa exercitando a occupação de Conselheiro de Guerra.

Anno
1662.

O Conde de Mesquitella, deixando o governo das Armas da Provincia de Tras os Montes, passou a Alentejo com enganosa confiança de ajustar facilmente todos os desconcertos daquella Provincia, occasionados das infelicidades da proxima Campanha. Chegou a Estremoz, e com poucos dias de assistencia teve noticia, de que os Castelhanos marchavaõ de Arronches para Souzel, Villa distante duas legoas de Estremoz, sem mais defenfa, que hum mal reparado Castello governado pelo Capitaõ de cavallos D. Rafael de Aux valeroso Catalaõ, servindo o Castello de alojamento a tres Companhias de cavallos. Com o primeiro avizo mandou o Conde marchar duzentos cavallos á ordem do Tenente General Joaõ da Silva de Sousa, e fez com grande diligencia avizo a todos os quartéis vizinhos, para que se fosse incorporando com Joaõ da Silva maior tropa de Cavallaria. Antes que os Castelhanos chegassem de Souzel, foraõ sen tidos, e tiveraõ tempo D. Rafael, D. Pedro Centelhas, Capitaõ reformado, também Catalaõ, os Capitaens Manoel Luiz Cardoso, e Joaõ da Costa, de se recolherem ao Castello com alguns Officiaes, e soldados das Companhias, que unidos aos paizanos, que governava o Capitaõ mór Manoel Madeira Saraiva, tratarãõ com valerosa, e constante resolução da defenfa do Castello, rebatendo o furioso assalto dos Castelhanos, que defenganados se retiraraõ com alguns cavallos, que acharãõ na Villa. Ao dia seguinte passou de Estremoz a Souzel o Conde de Mesquitella, mandando reparar as ruinas do Castello, e accretcentou a guarnição. Voltou para Estremoz, e por horas hia reconhecendo a perigosa confusaõ, em que estava aquella Provincia, assim pelo pouco numero das Tropas pagas, como pela perturbação dos Povos, intimidados com os infortunios antecedentes. D. Joaõ de Austria tendo ver-

Passa o Conde de Mesquitella a Alentejo com o titulo de Governador das Armas.

Interpretem os Castelhanos Souzel, mas sem effeito.

Anno
1662.

dadeira informação de tudo o referido, e justamente avaliando-o em beneficio dos seus progressos, solicitava por todos os caminhos facilitar os seus intentos; porém a entrada do Inverno difficultava novas operaçoens. Nos ultimos dias de Outubro sahio de Elvas D. Manoel Luiz de Ataíde com cem cavallos a comboiar humas carroças de muniçoens, que passavaõ a Campo-Maior. Entregou-as ao Tenente General da Cavallaria Pedro Cesar de Menezes, que o esperava na Atalaia dos Matos, e chegando de volta á dos Capateitos, ouviu os eccos da artilharia de Barbacena; acodio ao rebate, e fez aviso a Pedro Cesar, que lhe desse calor. Chegando á Torre do Baldio, avistou cento e quarenta cavallos Castellhanos, que careavaõ huma grossa preza. Diligentemente dividio os cem cavallos em tres pequenos corpos, com que investio os Castellhanos, que rompeo com mais facilidade, que permittia a desigualdade do numero, assistido dos Capitães Manoel Pacheco, Manoel Rodrigues Adibe, Simão Borges da Costa, e Domingos Cardoso. Poucos dias depois deste successo, tendo noticia D. Ventura Tarragona Governador de Arronches, que o Conde de Misquitella passava de Estremoz a Portalegre com pequeno comboi, conseguindo juntar tres mil cavallos, e tres Terços de Infantaria, sahio a esperallo: porém fugindo hum soldado, que avizou ao Conde de Misquitella, teve tempo de se recolher sem damno a Portalegre; e no mesmo dia derrotou o Comissario geral João do Crato da Fonseca hum comboi, que sahia de Arronches, e sendo seguido da Cavallaria, que levava D. Ventura Tarragona, se retirou a Portalegre, pelejando sem receber prejuizo. Voltou o Conde de Misquitella para Estremoz, e deo conta a El Rey das jornadas, que havia feito, individuando os erros, que examinara em todas as fortificaçoens que vira, principalmente na de Estremoz, e Villa-Viçosa, arguindo claramente as disposiçoens do Conde de Schomberg. Chegaraõ estas proposiçoens ao Conselho de Guerra, onde assistia o Conde de Schomberg; naõ podendo encobri-lhas a prudencia do Visconde de Villa-Nova, que

o soli-

o solicitou; sem alteraçã lançou o seu voto, e satisfi- **Anno**
 fez inteiramente as dividas do Conde de Mesquitella, **1662.**
 concluindo, que as enfermidades das fortificaçoens eraõ
 como as dos corpos humanos, onde os Medicos cura-
 vaõ sem conformidade. O Conde de Mesquitella passou
 de Estremoz a Elvas, differente ce m quasi todos os Of-
 ficiaes Maiores do exercito; perturbaçã, que D. Joaõ
 da Silva, e D. Luiz de Menezes, que assistiaõ em El-
 vas, pertendiaõ atallar, como sempre haviaõ feito,
 preferindo os interesses publicos a todas as razoens par-
 ticulares; prudencia muitos tempos nã explicada dos
 que a encontravaõ, e que qualificou a felicidade dos
 successos, que correrã por sua conta; e reconhecido
 desta sociedade passou a Lisboa com determinaçã de
 adiantar a D. Luiz de Menezes do Posto de Mestre de
 Campo ao de General da Cavallaria: porẽm estes, e
 outros intentos lhe atallou a morte, que em Lisboa
 lhe sobreveio, depois de haver exercitado os postos,
 que referimos, e ajudado a defenfa da sua Patria com
 grande zelo, valor, e actividade. Ficou governando a
 Provincia de Alentejo Diniz de Mello de Castro, e nã
 succedeo até o fim deste anno encontro capaz de no-
 ticia; tratando D. Joaõ de Austria só do augmento das
 Tropas do exercito, com o designio das empresas pre-
 meditadas para a futura Campanha, na confiança da
 defuniaõ, em que se achava o governo de Portugal,
 pela intempestiva resoluçã d'ElRey se separar da uniãõ
 da Rainha no tempo, em que seus vassallos mais ne-
 cessitavaõ das suas prudentes direcçoens.

*O Conde de
 Mesquitella
 volta a Lisboa,
 aonde morre, ha-
 cando o gover-
 no outra vez
 entregue a Di-
 niz de Mello.*

Com o alento adquirido nos felices successos da
 Campanha do anno antecedente se preparava o Conde
 do Prado para defender a Provincia de Entre Douro, e
 Minho do grande exercito, que em Galliza se juntava,
 para sahir em Campanha ao mesmo tempo, que tivesse
 principio a da Provincia de Alentejo, para que huma,
 e outra se defendessem, divididas as forças, facilitandõ-
 se com este designio a conquista de ambas. Tanto que
 entrou a Primavera, fez o Conde do Prado avizo ao
 de S. Joaõ, que assistia em Tras os Montes, (de quem
 Prado
 justa-

Anno 1662. justamente fiava a melhor parte da sua fortuna) que as preparaçõens dos Castelhanos se adiantavaõ de forte, que lhe parecia preciso, que elle marchasse com a gente, que lhe foisse possivel, em seu soccorro. Naõ duvidou o Conde de S. Joaõ de executar esta advertencia; porque este era o fim a que caminhavaõ as suas disposiçõens, pertendendo adiantar a sua opiniaõ em diferentes partes, e diversas operaçõens; difficuldade, que costumaõ facilitar os espiritos generosos. Havia-lhe chegado Patente de Mestre de Campo General das duas Provincias, pela promoçaõ do Conde da Torre a General da Cavallaria do exercito de Alentejo; porẽm o Conde de S. Joaõ naõ quiz aceitar esta Patente, sem se lhe declarar que havia de ter exercicio em Entre Douro, e Minho na occupaçaõ de General da Cavallaria; pertençaõ, que ElRey lhe concedeo; e por este respeito se passou a D. Francisco de Azevedo patente de segundo Mestre de Campo General da Provincia de Entre Douro, e Minho, continuando os dous os exercicios destes Postos da mesma sorte, que na Campanha de Badajõz havia a contecido a André de Albuquerque, e ao Conde de Melquitella. Escolheo o Conde de S. Joaõ a melhor gente de Trás os Montes, deixou as Praças bem guarnecidas, e a Provincia entregue ao Tenente General da Cavallaria Domingos da Ponte Gallego; e passando no principio da Primavera a Entre Douro, e Minho, diligentemente compoz as Companhias de cavallos da gente mais nobre. O Conde do Prado antes de fahir em Campanha, intentou interprender Lapella; e o conseguiu pelo descuido dos Castelhanos, se as escadas, que se arrimaraõ á muralha, naõ foraõ inferiores á sua altura. Todo o tempo, que duraraõ as prevençoens da Campanha, recebeu o Conde do Prado muito importantes avizos de Miguel Carlos de Tavora, que estava preso na Curunha; porque supposto que eraõ grandes as molestias, e apertos que padecia, era maior o espirito que o animava. Da Curunha o passaraõ os Castelhanos para Bayona, mas naõ conseguiraõ evitar-lhe a communicaçãõ com o Conde do Prado,

Prado, por ser maior a sua industria, que as cautelas dos inimigos. Poucos dias antes de sahirem os exercitos em Campanha, pertenderaõ os Gallegos interprender o Castello de Castro Laboreiro. Defendeo-o Pedro de Faria, que o governava, com muito valor, e retiraraõ-se com grande perda. De huma, e outra parte se retardaraõ as prevençoens até o mez de Julho, muito a pezar dos Cabos inimigos, por verem mal-logrado o intento de campearem ao mesmo tempo os seus exercitos; erro ordinariamente originado da negligencia dos Ministros politicos, que costumãõ preferir aos militares negocios menos importantes: e a que não acharãõ emenda os Principes prudentes, mais que com a resolução de governarem os seus exercitos, onde sem dependencia de consultas nem prejuizo de dilaçoens discursãõ, executaõ, e conseguem, sem queixa do tempo perdido, governando-se pelo que vem, e não pelo que ouvem, com taõ util differença, como succede haver do vivo ao pintado; e supposto, que a grande guerra, que escrevemos, seja definição contraria deste axioma; porque os nossos Principes não mandaraõ os seus exercitos, não sirva de exemplar a nossa fortuna. Observa-se no mesmo seculo a guerra das Monarquias de França, e Castella; aquella felice, tendo os Francezes por Capitaõ a Luiz XIV; esta desgraçada, governando aos Castelhanos Carlos II, só como Rey; e se recorramos a passados seculos, encheramos volumes de verdadeiros exemplos.

Com grande prudencia se anticipou o Conde do Prado aos inimigos em sahir em Campanha; e a nove de Julho alojou o exercito no districto de Coura. Serviaõ na fórma, que referimos, o Conde de S. Joãõ, e D. Francisco de Azevedo os Póostos de Mestre de Campo General, e General da Cavallaria, e em ausencia do Conde da Castanheira governava a Artilharia Miguel de Lafcol. Constava o corpo do exercito de oito mil Infantes, quatro mil pagos, e quatro mil Auxiliares, e de mil cavallos. Eraõ Mestres de Campo dos Terços pagos Diogo de Brito Coutinho, Antonio Soares da Co-

Anno
1662.

sta, Rodrigo Pereira Soto-Maior, Manoel Nunes Leitaõ, Fernando de Sousa da Silva; e hum Terço da Provincia de Tras os Montes governado pelo Sargento Maior Sebastiaõ da Veiga Cabral. Dos Auxiliares, pelo seu grande prestimo reputados como pagos, eraõ Mestres de Campo Manoel da Silva, Souto-Maior, Balthasar Fagundes da Fonseca, Francisco da Cunha da Silva, D. Gonçalo de Araujo, Luiz de Sanco, e Pedro de Sancier Francezes, e hum governado pelo Sargento Maior Luiz de Sousa. Era Tenente General da Cavallaria Fernando de Sousa Coutinho; Commissarios geraes Joaõ da Cunha Sotto-Maior de Entre Douro, e Minho, Manoel da Costa Pessoa de Tras os Montes: Tenentes de Mestre de Campo General de Entre Douro, e Minho Joaõ Rebelo Leite, e Vermejon; de Tras os Montes Simaõ de Sousa Carneiro. Coustava a Artilharia de sete peças ligeiras, as carruagens com munições, e mantimentos eraõ muitas, e em todas as Praças importantes ficaraõ guarniçoens competentes. Do exercito contrario era Capitaõ General D. Diogo Carrilho Arcebispo de Santiago; porque ElRey D. Philippe mal satisfeito do Marquez de Vianna, lhe tirou o Posto, e elegeo em seu lugar ao Marquez de Caracena, que desviando-o outros empregos, não passou a este governo; e como a pouca experiencia militar do Arcebispo necessitava de grande auxilio, foi nomeado Governador das Armas D. Balthasar de Roxas Pantoja, que assistia, como dissemos, no governo de Guipuscoa. Continuava o Posto de General da Cavallaria D. Luiz de Menezes, chamado Marquez de Penalva; era General da Artilharia D. Francisco de Castro: constava o exercito de desaseis mil Infantes, dous mil cavallos, e desaseis peças de artilharia, grande numero de gastadores, muniçoens, instrumentos de expugnação, mantimentos, e carruagens: toda a gente do exercito era de excellente qualidade; porque o Marquez de Caracena havia escolhido, para passar a Galliza, a melhor do exercito de Flandres.

A doze de Julho se lançou huma ponte de barcas junto a Lapella, por onde passou este exercito a Entre Douro

Douro, e Minho, e no mesmo dia sahiraõ das Rias quantidade de embarcaçoens, que fizeraõ frente a Viana, e Caminha, Villas abertas, a primeira situada na foz do rio Lima, a segunda na do Minho na distancia de tres legoas. Esta noticia deo ao Conde do Prado grande cuidado, porque não desejava dividir o exercito; porém cedendo á maior necessidade com o parecer dos Cabos, e de João Nunes da Cunha, que se achava na Campanha, mandou ao Capitão de Cavallos Diogo de Caldas Barbosa com cem cavallos, e trezentos mosqueteiros a alojar entre Caminha, e Viana, para acudir a qualquer das partes, que os inimigos investissem, e esforçar as guarniçoens de ambas as Villas; que as caravellas, que se achavaõ na barra de Viana guarnecidas de Infantaria, ancorassem debaixo da Fortaleza; e despedido Diogo de Caldas, mudou o Conde do Prado do alojamento de Coura para o Castello de Trajaõ, posto convenientissimo para observar os movimentos dos inimigos, e acudir a qualquer parte, que ameaçasse o seu poder. D. Balthazar Pantoja aquartelou o exercito entre Lapella, e Monçaõ, encostado ao rio Minho, e taõ cuidadosamente tratou de o segurar com fortificaçoens, que mostrou reccar a batalha. Durou treze dias na assitencia deste sitio, sem poder decifrar-se a causa desta suspensaõ; que não he pequeno louvor de hum General, quando do segredo resultaõ effectos proporcionados ao seu intento. Neste intervallo não houve novidade, nem no exercito, nem na Armada; e o Conde do Prado com grande ponderação regulava os avizos, media os movimentos, e compassava as distancias, para se não discompor a proporçaõ por algum accidente.

A vinte e tres começou a marchar o exercito inimigo por Moreira a Rio-Bom, e com muita celeridade occupou a eminencia das Pereiras, donde dominava hum dos Fortes da Portela de Vés. O Conde do Prado, havendo reconhecido todos os sitios, diligentemente se poz em marcha, e arrimado pelo privilegio do terreno ao lado direito do exercito inimigo, passou a Bu-
lhosa,

Anno
1662.

lhosa, e occupou o posto do Pedroso, superior ao segundo Forte da Portela de Vés; e foi tão util a brevidade da marcha do nosso exercito, que não teve lugar D. Balthasar Pantoja, como desejava, de occupar o posto que elle ganhara, donde ficou cobrindo Valença, o Forte de S. Francisco, e as Freguezias de Coura; que ministravaõ o sustento do exercito, sem os inimigos poderem offender alguma destas partes pela aspereza do terreno; e occupada a eminencia, fez Miguel de Lascos jogar quatro peças de artilharia, que incommodaraõ o quartel dos Gallegos. D. Balthasar mandou hum voluntim ao Capitaõ Lourenço Craveiro, que governava hum dos Fortes de Portela de Vés. Não quiz aceitallo, e respondeo a varios ameaços, que o trombeta lhe fez da parte de D. Balthasar, que o Conde do Prado daria a resposta. Não se deo D. Balthasar por entendido (que os duellos da guerra não são tão apertados, como os da paz) e gastou seis dias naquelle sitio, não havendo mais operaçãõ, que baterias inuteis, desvanecendo o effeito dellas a distancia, e os penhascos, que rebatiaõ as pouco vigorosas balas. Inferio-se desta dilaçãõ, que D. Balthasar, tendo noticia que a Armada dos pequenos baxeis se descompuzera com huma tormenta de Nordeste, esperava que se tornasse a unir, para continuar a sua empreza. Decifrou elle este discurso, pondo o exercito em marcha a vinte, e nove de Julho, baixou pelos Barbeitos ás Choças, e por Santa Ovaya se fez na volta dos Arcos de Val de Vés. O Conde do Prado sem dilaçãõ continuou a marcha pelo lado direito do exercito inimigo, e mandou avançar ao Conde de S. Joaõ com a maior parte da Cavallaria, e mil mosqueteiros á ordem do Mestre de Campo Antonio Soares da Costa; com ordem de ganhar o posto de Prozelos, meia legoa distante dos Arcos, por ser capaz de se formar nelle o exercito com muitas vantagens do terreno.

D. Balthasar observando que a nossa Cavallaria se alargara da Infantaria, chegando ao sitio de Lamas, mandou carregar com tanto ardor o lado esquerdo do

exer-

exercito, que pudera conseguir felice successo, se o Conde do Prado deſtro, e valeroſo não rebatera peſſoalmente aquelle impulſo com vinte e tres mangas de moſqueteiros, que promptamente occuparaõ todas as fortidas, e tantas vezes rechaçaraõ os ſoldados inimigos, (a que aſſiſtia o ſeu General) quantas foraõ avançados, e ultimamente ſe retiraraõ os Gallegos com eſtrago conſideravel. O Conde de S. Joaõ, entendendo, que a tençaõ de D. Balthaſar era divertir o intento, que elle levava, de occupar o ſitio de Prozelos, não deſiſtio da marcha, conſtando-lhe juntamente, que o valor, e diſpoſiçaõ do Conde do Prado não neceſſitava de ſoccorro: e para mayor ſegurança da ſua determinaçãõ, adiantou ao Tenente General da Cavallaria Fernando de Souſa Coutinho com alguma gente a occupar as fortidas, que deſembocavaõ no terreno, que pretendia ganhar; e chegou a tempo taõ conveniente, que as guarneceo primeiro, que os inimigos chegaſſem a ellas, e as defendeo de forte, que adiantando-ſe os dous exercitos a dar calor aos troços avançados, não conseguiraõ os inimigos mais, que o deſengano do ſeu intento; porque o Conde de S. Joaõ ganhando tempo, e eſpalhando valor, como rayo, igualmente luzia, e abrazava. Fez alto o exercito contrario, e o meſmo fez o Conde do Prado; e chamando a Conſelho, uniformemente concordaraõ todos os votos, que o exercito com pouco eſpaço de deſcanço marchaiſe a occupar o ſitio de S. Bento, tiro de arcabuz da Villa de Arcos; porque ainda que os inimigos podiaõ desfazer a marcha, como ſucedeo, e fazer-ſe ſenhores do quartel da Bulhoſa, que o noſſo exercito deſoccupara, e ganhar os Fortins da Portela de Vés, era preciso acudir-ſe ao mayor perigo, e procurar evitar-ſe, que o exercito contrario não paſſaiſe a ganhar a Barca, e Braga, e cahindo ſobre Viana, ſe pudelſe fazer ſenhor daquella importantiſſima Praça, e communicar-ſe D. Balthaſar Pantoja, como pretendia com a ſua Armada, que lhe ficava facilitando os ſoccorros maritimos pela vizinhança das Rias, livrando-ſe dos perigos dos com-

Anno
1662.

18 PORTUGAL RESTAURADO,

boys, que eraõ infalliveis ; e todos estes damnos se evitavaõ, alojando o exercito no posto de S. Bento, estrada dos lugares referidos, e sitio ventajoso, para se pleitear o progresso da huma batalha. Tomada esta resolução, fez o Conde do Prado jogar a artilharia contra o exercito dos Gallegos toda aquella tarde, e principio da noite, conseguindo naõ só o damno que receberaõ, mas confundir o estrondo o ruído da marcha. Desfilado o exercito, marchou a artilharia na retaguarda, continuando sempre as cargas, defendida da alpezeza do terreno, que seguravaõ algumas mangas de mosqueteiros. Ao amanhecer estava o Conde do Prado no alojamento pertendido, vencendo na marcha tantas difficuldades, que houve supersticiosas, que julgavaõ por milagrosa. Depois de amanhecer, reconhecendo D. Balthasar, que sem atacar a bateria, naõ podia continuar, nem o caminho dos Arcos, nem o de Ponte de Lima; e conhecendo, que naõ era consequencia infallivel de dar a batalha, conseguir a vitoria pela qualidade, numero, e sitio do exercito, com que havia de pelear, tomando conselho mais saudavel, retrocedeo a marcha, e occupou o sitio da Bulhosa, em que o nosso exercito havia aquartelado, e sem demora mandou bater os Fortins da Portela de Vés. O Conde do Prado com summa brevidade marchou a occupar o sitio de Paredes de Coura, para cobrir as feitorias, de que se sustentava o exercito, e acodir a Valença, e Villanova, se acaso D. balthasar intentasse qualquer destas emprezas; e ficou com grande satisfação de reconhecer em todo o exercito a vaidade de D. Balthasar se desviar do conflicto no quartel de S. Bento, que todos tiveraõ por infallivel, desejando expôr-se antes a dar a batalha pela contingencia de salvar a Provincia, que arriscar-se a perdella, por naõ dar a batalha. D. Balthasar, depois de jogar a artilharia contra os Fortes, mandou dar hum assalto, em que os Gallegos foraõ rechacados: porèm continuando as baterias se renderaõ, podendo os Officiaes, que os governavaõ, escusar este empenho; porque o Conde do Prado havia deixado ordem
a Lou-

*Intenta sitiar
Valença: impe-
de-o o nosso ex-
ercito, e da mes-
ma sorte todos
os progressos
daquella Cam-
panha, pelei-
jando quasi to-
dos os dias.*

a Lourenço Carveiro , que em caso que voltasse o exercito inimigo sobre aquelles Fortins , os voasse para cujo effeito ficaraõ minas atacadas , e retirasse a Infantaria , o que podia fazer sem perigo pela aspereza do terreno. Tomados os Fortins, mandou D. Balthasar conduzir de Monção para o exercito doze meyo canhões, e tendo o Conde do Prado esta noticia , entrou em maior cuidado: D. Balthasar ao dia seguinte , ao que chegou a artilharia , poz o exercito em marcha com tanta cautela , que não foy sentido das partidas , que o Conde de S. Joaõ havia mandado avançar sobre o quartel , não havendo entre os dous exercitos mais distancia , que a de huma legoa. Quando amanheceo , reconhecerã as sentinellas , que a retaguarda dos Gallegos sahia do quartel , e a vanguarda com apresada marcha caminhava pela estrada da Giesteira com a frente no Cerro do Bico , que ficava imminente ao quartel de Grijó , entendendo D. Balthasar , que ganhado aquelle posto , podaria desalojar o exercito com a artilharia , e derrotallo na marcha, atacando-o na confusão com grandes ventagens no sitio. O Conde do Prado com o primeiro aviso deste accidente mandou pegar nas armas, e repartindo os Cabos , e Officiaes pelos postos mais convenientes , avançou o Conde de S. Joaõ com os batalhoens mais promptos , adiantando Fernando de Sousa Coutinho com os da vanguarda a soccorrer as Companhias , que estavaõ de guarda , do Capitaõ Antonio Gomes de Abreu , e Tenente Ignacio Salema , que embaraçavaõ valerosamente a marcha da vanguarda inimiga , e com este soccorro se esforçou o combate ; e o Conde de S. Joaõ conhecendo , que do bom successo deste conflicto pendia a conservação de todo o exercito , empenhou toda a Cavallaria , e com a espada na mão dava valeroso exemplo aos seus soldados. Ao mesmo tempo intentava o Marquez de Penalva desembaraçar a estrada , carregando com todo o vigor os nossos batalhoens. Eraõ os dous Generaes da Cavallaria , que contendiaõ , Portuguezes , ambos valerosissimos , hum , e outro do sangue mais illustre da sua Nação: porém

Anno 1662. havia entrè elles huma grande differença, que o Conde de S. João pelejava por defender a sua Patria, o Marquez de Penalva por conquistalla, e não fora justo, que prevalecesse contra a sua justiça. Em quanto durava a força do combate, trabalhava o Conde do Prado, e D. Francisco de Azevedo, sem descomporem a fórma do exercito, por melhorallo a sitio ventajoso; determinação, que conseguiraõ taõ venturosamente, que occuparaõ o Monte de Labrujo imminente a todo aquelle territorio, e superior ao quartel, que D. Balthasar Pantoja intentava occupar, para bater o de Grijó. Ganhado o posto referido, fez o Conde do Prado aviso ao de S. João, que podia retirar-se para aquella parte, onde seguramente estava alojado. Não era facil a retirada ao Conde de S. João; porque a Cavallaria estava taõ empenhada, que não podia desembaraçar-se do conflicto sem grande perigo: porém reconhecendo a seu favor a estreiteza do terreno, valendo-se utilmente de duzentas bocas de fogo, governadas pelo Sargento Mayor Antonio Barbosa, deu ordem ao Tenente General Fernal de Sousa, e ao Commissario geral Manoel da Costa Passoa, que com os batalhões da retaguarda passassem hum callejaõ, que era o unico caminho, que tinhaõ para se retirar, e que fizessem alto em hum valle, em que o callejaõ desembocava; porque elle deteria os inimigos, e depois com huma vigorosa carga procuraria tambem retirar-se; e que podendo conseguillo, advertissem em atacar vivamente os batalhoens, que o viessem carregando, para que lhe ficasse tempo de os formar, e socorrer. Diligentemente executaraõ os dous esta ordem, e valerosamente conseguio o Conde, quanto havia imaginado, ajudando-o a industria do Capitão Ignacio de França; porque reparando, que o vento estava rijo, e a favor do seu intento, mandou desmontar alguns soldados, e pegar o fogo ao pasto secco, que ardeo com tanta velocidade contra a Cavallaria inimiga, que a obrigou mayor incendio a mitigar o ardor, com que pelejava, e a fogo, e sangue passaraõ os nossos batalhoens o callejaõ pleiteando; porém os Gallegos, haven-

havendo reconhecido outro passo conveniente, posto que mais distante, o buscaraõ com grande celeridade, e conseguiraõ encontrar alguns batalhoens de retaguarda mandados pelo Conde de S. Joaõ, assistido de muita parte de Officiaes Mayores, e pessoas particulares, em que entrava D. Luiz Manoel de Tavora (hoje Conde da Atalaya) que tendo poucos annos de idade, deu naquelle dia valeroso principio ao seu finalado procedimento. O ultimo esforço, com que os Gallegos foraõ rebatidos, tocou ao Capitaõ Ignacio de França, que os obrigou a se retirarem em tanta distancia, que toda a nosa Cavallaria ficou desembaraçada, e só pareceraõ alguns Infantes dos duzentos, que levava o Sargento Mayor Antonio Barbosa, e foraõ prisioneiros Manoel da Costa Leite, e Alexandre de Sousa.

Encorporado o Conde de S. Joaõ com Fernando de Sousa Coutinho debaixo da artilharia do quartel de Labrujo: que já laborava, intentou persuadir ao Conde do Prado, que pois a differença dos sitios havia mudado o semblante á fortuna, fizesse baixar a Infantaria, que se achasse mais prompta, ao valle, em que elle estava, e que unida com a Cavallaria, carregaria a vanguarda inimiga, que sem fórma desembocava a calejaõ, e que elle lhe segurava a felicidade do successo. Naõ lhe pareceo ao Conde do Prado tomar deliberação taõ importante, sem o parecer de todos os que se achavaõ no Conselho; porẽm o tempo, que gastou em os convocar, teve D. Balthasar Pantoja para reconhecer o seu perigo, e com summa diligencia encorporou o exercito, e o Conde de S. Joaõ, formada a Cavallaria em duas linhas com a retaguarda na fralda do monte, em que o nosso exercito estava alojado, esperou a deliberação dos inimigos; e o Conde do Prado mandou trezentos mosqueteiros encorporar-se com a Cavallaria, e os Terços, e artilharia accommodou o Mestre de Campo General D. Francisco de Azevedo em lugares taõ convenientes, que todo o exercito animosamente desejava o conflicto. Mostrou D. Balthasar Pantoja querer atacar a batalha, movendo o exercito em fórma de

Anno
1662.

pelejar; porém achando na frente da nossa Cavallaria hum grande, e difficil pantão, que forçosamente havia de passar, (ventagem de que havia usado com particular advertencia o Conde de S. João) fez alto; e como o exercito estava tão vizinho das trezentas bocas de fogo formadas no valle, e da artilharia plantada no monte, foy grande o estrago, que recebeu. Vendo D. Balthasar o embaraço do sitio da vanguarda, mandou ao Coronel Gaspar, que com o seu Regimento de Alemães investisse o lado direito da nossa Cavallaria. Marchou o Coronel, e achou valorosa resistencia em cem Infantes, que governava o Capitaõ de Infantaria Carlos Malheiro, que defenderaõ o passo, que os inimigos pertendiaõ facilitar. Mandou ao mesmo tempo avançar a Cavallaria estrangeira pelo lado esquerdo; porém achando-o defendido de humas quebradas, que fazia a terra, se retirou; e as horas, que se gastaraõ nestas infructuosas operaçoens, teve a artilharia, e bocas de fogo do nosso exercito, para continuarem as cargas com tanto effeito, que, dividindo a noite o conflicto, que havia começado vespera de S. Lourenço ás nove horas do dia, ficaraõ na campanha mais de mil e quinhentos mortos, em que entraraõ muitos Officiaes de importancia: retiraraõ-se quantidade de feridos, sem haver padecido o nosso exercito mayor perda, que a de trinta soldados. Cerrada a noite, se recolheo o Conde de S. João com a Cavallaria, e mosqueteiros ao quartel a descansar com a gloria conseguida naquella acção; e D. Balthasar retirou o exercito a sitio menos exposto á furia das nossas balas, e toda a noite fez trabalhar em plataformas, para se valer da artilharia, que no combate antecedente não tinha jogado, por se não poder conduzir. Amanheceo dia de S. Lourenço, e laborou com pouco effeito, por ficar superior o nosso alojamento. D. Balthasar desejando renovar o conflicto, mandou ao meyo dia trezentos Infantes ganhar as pedras, e callejoens, que os nossos mosqueteiros haviaõ occupado na occasião proxima, esperando conseguir a vingança no mesmo lugar, em que tinha recebido a offensa.

fenfa. Acodiraõ a defender este fitio duas mangas de mosqueteiros, que estavaõ com as Companhias da guarda; e o Conde do Prado deõtro, e vigilante montou a cavallo, e correo á trincheira a reconhecer a caufa do rebate; e observando o intento dos inimigos, ordenou ao Commisario geral Joaõ da Cunha Sotto-Mayor, que com as quatro Companhias da guarda dos Capitães Martim Pereira Dessa, Ignacio de França, Diogo de Caldas Barbosa, (que havia voltado para o exercito, depois de desgarrar a tormenta a Armada inimiga) e o Tenente Manoel Rodrigues Tavora investisse os trezentos Infantes, antes que chegassẽ a ganhar os callejões. Joaõ da Cunha, costumado a vencer mayores perigos, naõ interpoz a menor dilacão; desceio velozmente ao valle, e antes que os Infantes pudessem valer-se do amparo das pedras, os desbaratou sem resistencia; porque a pressa, com que correrãõ a ganhar os callejoens, os trazia confusos, e desanimados. Mandou D. Balthasar soccorrelios com todo o corpo da Cavallaria; mas foy a tempo, que o Conde de S. Joaõ tinha formado a nosõa em lugar competente, para segurança da empreza; e sem outro emprego, cerrada a noite, se retiraraõ todos.

O dia seguinte dispoz D. Balthasar a retirada do exercito com o mayor silencio, que foy possivel, para a noite seguinte, reconhecendo o damno irreparavel, que recebia naquella assistencia. Naõ ignorou o Conde do Prado esta resoluçãõ; porẽm naõ quiz fazer movimento algum, receando expôr-se de noite a alguma defõrdem; e deixando amanhecer, se reconheceo, que os Gallegos haviaõ adiantado a marcha pelos mesmos passos do Cerro do Bico com a frente na Villa dos Arcos, intentando D. Balthasar Pantoja segunda vez passar o Lima para penetrar a Provincia, que era todo o seu desejo, tantas vezes mal succedido. Esta demonstraçãõ obrigou ao Condẽ do Prado a mandar adiantar alguns batalhoens, porẽm sem effeito; porque o exercito levava na marcha muitas horas de ventagem. O Commisario geral Joaõ da Cunha, que era o Cabo

Depois de gloriosos successos, se retira Dom Balthasar com o exercito quasi desbaratado.

Anno
1662.

dos batalhoens avançados, chegou a dar aviso ao Conde do Prado, que o exercito marchava direito á Villa dos Arcos, por cujo respeito, com o parecer de todo o Conselho, resolveo marchar pelo lado direito do exercito contrario para o Convento de Refoyos de Conegos Regulares, distante meya legoa de Ponte de Lima; resolução, que só podia defender esta Villa do estrago dos Gallegos. Conseguiu-se este intento com excessivo trabalho, porque a noite da marcha do exercito foy muito tenebrosa, e o caminho asperissimo; difficuldades assaz difficeis de vencer, principalmente quando o cansaço, e o somno combatem a debilidade natural; mas que impossivel não vencem os corações magnanimos, desejosos de defender a Patria, e de augmentar a opiniaõ! Os Gallegos levarão melhor estrada; porém com passo vagaroso, detidos com o embaraço da artilharia grossa, em dilatadas horas chegaram a Giela, nobre aposento dos Viscondes de Villa-Nova, da outra parte do rio Vés, e junto aos Arcos. Havia o Conde do Prado deixo em Giela a Balthasar de Sousa com o Terço de Auxiliares de Tras os Montes, de que era Mestre de Campo, com ordem, que tendo noticia, que o exercito inimigo marchava para aquella parte, se retirasse para Ponte da Barca, meya legoa distante, interpostos os rios Vés, e Lima, que se vadeavaõ por duas pontes. Deu o Mestre de Campo a ordem á execuçaõ, e os inimigos se aquarteláraõ das Aldeas de Azere até Murilhoens, terreno de excessivas montanhas, e só commodo para a segurança dos comboys, que vinhaõ de Monçaõ, defendidos dos Fortins da Portela de Vés, que com este intento D. Balthasar Pantoja deixara guarnecidos. Teve o Conde do Prado em Refoyos a notícia, de que os Gallegos estavaõ aquartelados em Giela; e considerando o perigo da Cidade de Braga, aberta, rica, e populosa, e innumeraveis lugares daquelle contorno, chamou a Conselho, e depois de larga conferencia (porque a difficuldade da eleiçaõ do sitio era gravissima) se assentou, que o exercito marchasse a alojar em hum posto chamado o Sou-

to,

to, que se levantava na Freguezia de Tavora sobre o rio Lima, e ficava á vista da Barca superior a toda a Campanha, e com muitas commodidades para o exercito, e em distancias proporcionadas para cobrir aquella Provincia de huma, e outra parte do rio Lima, lançando-lhe huma ponte de barcas, e evitando o perigo de Braga, que era o mais imminente; porque se devia entender, que D. Balthasar não intentaria aquella empreza de mais estrondo, que effeito, ficando-lhe distante cinco legoas, e não podendo, sem ganhar outras Praças, conservar aquella Cidade; e conhecendo que havia de levar na colla do exercito outro tão valeroio, como repetidas vezes tinha experimentado, e que tendo a medida do tempo na sua eleição, saberia usar del-
 Je, como lhe conviesse. Tomada esta deliberação, marchou o exercito, que já estava formado, quando se acabou o Conselho, pelos Officiaes de ordens, que não entravaõ nelle. No dia seguinte ao amanhecer se occupou o posto pertendido, e nelle se acháraõ muito mayores commodidades, das que se haviaõ considerado. D. Balthasar com a noticia do alojamento do exercito, o mandou reconhecer por huma Companhia de cavallos, e duas de Infantaria. Achava-se montado o Alferes Miguel de Souza com trinta cavallos, sahiõ ao rebate, e com resolução, e valor degollou a Companhia de cavallos, e os Infantes ao mesmo tempo intentou hum troço de Cavallaria passar o váo de Muja por cima da ponte da Barca. Acodiraõ a embaraçallo o Capitaõ Jeronymo da Silva de Menezes, e Joaõ Cardoso Piçarro; porém como o numero dos inimigos era superior, foraõ carregados com perigo. Chegou a soccorrellos o Tenente General Fernaõ de Souza com dous batalhoens, e unidos obrigarãõ aos Gallegos, que já estavaõ desta parte do Lima; a tornar a passar o váo; e achando-se cortado hum soldado chamado Simaõ da Costa, rompeo com a espada na mão cincoenta Infantes, que occupavaõ hum callejaõ, e atropellando-os, e ferindo-os, sem damno algum se recolheo á sua Companhia, e os Castelhanos ao seu quartel. Antes que Fernãõ

Anno
1662.

naõ de Sousa se retirasse, deixou os váos occupados com sentinellas, para os segurar do novo intento dos Gallegos. D. Balthasar com a vizinhança do noíso exercito estreitou o quartel de Giela, e com os comboys da Monção se reforçou de muniçoens, e mantimentos: e o Conde do Prado anticipando as prevençoens aos perigos, mandou Miguel de Lascol fortificar hum quartel com dous Terços de Infantaria sobre a Villa da Barca, e fez lançar pontes de barcas no rio Lima, para facilitar o soccorro, entregando a defenfa deste alojamento ao Mestre de Campo Luiz de Sancé, que guarneceo com o seu Terço, e o do Mestre de Campo Simão de Tavora; e porque os moradores dos lugares vizinhos a Giela, perluadidos dos Parocos de algumas Freguezias, se entregaraõ ao dominio de Castella, procedeo severamente contra os que achou culpados, para que naõ houvesse outros, que seguissem exemplo taõ prejudicial.

D. Balthasar Pantoja continuava a fortificaçãõ do quartel de Giela, e da quinta do Visconde com tanta atençaõ, como se corra por sua conta a defenfa daquelle sitio, e naõ a conquista daquella Provincia, que por aquelle caminho naõ podia conseguir; e a causa desta demonstraçãõ era, que como o noíso exercito lhe havia desbaratado todos os intentos daquella Campanha, e se achava em alojamento taõ vizinho prompto para adiantar os seus progressos, naõ encontrava D. Balthasar empreza segura, com que desempenhar tantos infortunios; e por este respeito procurava sustentar a sua reputaçãõ com apparencias, para que aquelles, que o defendessem dos que o arguiaõ, pudessem dar mais espaços ás esperanças de altas emprezas, que, por serem fantasticas, naõ era possivel decifram-se até o fim da Campanha; e em todos os casos grandes, e difficultosos nunca a prudencia achou caminho menos arriscado, que usar do beneficio do tempo, que impérra em todas as operaçoens humanas. Depressa se desvanecio a de Giela; porque D. Balthasar, vendo o pouco fruto, que tirava daquella inutil assistencia, mandou

doou lançar huma ponte no váo de Muja, e por ella paſſou o exercito o rio Lima a vinte e nove de Agoſto ſem a mais breve demora. Paſſou tambem por outra ponte o Lima o noſſo exercito, e tomou alojamento ſobre a Villa da Barca, cobrindo o quartel, que naquelle ſitio ſe havia levantado; e D. Balthazar alojou o exercito em humas montanhas chamadas do Espirito Santo, que ſe terminaõ em hum levantado penhaſco, a que dão nome de muitos ſeculos paſſados as ruinas de humas paredes, de Caſtello da Nobrega. Entre hum, e outro alojamento ſe extendia bum valle de terreno taõ embaraçado, que não dava lugar a mais conta, que á das bocas' de fogo; eſtas, e a artilharia laboravaõ inceſſantemente de huma, e outra parte com damno de ambas. Moſtrava a deliberação de D. Balthazar tomar eſte alojamento, que intentava a empreza de Braga, ou a de Ponte de Lima; porque para qualquer deſtes intentos tinha a eſtrada livre. Neſta ſuppoſição chamou o Conde do Prado a Conſelho, e logrando em todo o decurſo daquella Campanha a uniformidade dos votos dos Conſelheiros, que he hum dos mais felices vaticinios da fortuna dos exercitos, quando como livros vivos uſaõ da ſinceridade; concordaõ todos, que Ponte de Lima, e Braga ſe haviaõ de defender com as pontas das eſpadas, e que o ſucceſſo de huma batalha havia de ſer a deſenſa, ou a deſtruição daquella Provincia, ſe os inimigos intentafſem penetralla, levando por objecto os lugares referidos que não eraõ defendidos de outras muralhas; porque algumas antigas, que conſervavaõ, todas eraõ muito deſbaratadas. Tomada eſta deliberação, todo o exercito ſe preparou para pelear, inferindo plauſivelmente dos ſucceſſos paſſados a felicidade futura; e porque ſe entendeo, que o perigo de Braga poderia ſer mais proximo, que a promptidaõ da deſenſa do exercito, mandou o Conde do Prado marchar para aquella Cidade ao Meſtre de Campo Manoel Nunes Leitaõ com o ſeu Terço, e dous de Auxiliares, e ao Commiſſario geral Manoel da Coſta Peſſoa com quatro Companhias de cavallos,

Anno
1662.

los, e no mesmo tempo partio para o Porto Joaõ Nunes da Cunha, por haver noticia, que os Castelhanos intentavaõ interpretær o Castello de S. Joaõ de Foz com sete navios; entendendo o Conde do Prado, que na pessoa de Joaõ Nunes, no seu zelo, valor, e juizo consistia huma das melhores defensas do Reyno, o que referio a ElRey em repetidas cartas. O receyo deste intento dos Castelhanos se desvaneceu brevemente; Joaõ Nunes voltou para o exercito, e ElRey nomeou para o governo das Armas do Porto ao Ballio de Lessa Diogo de Mello Pereira; e porque consistia a melhor defenfa de Entre Douro; e Minho, que se divertisse nas Praças maritimas o poder do exercito; ordenou ElRey ao Conde de Atouguia, General da Armada, que com seis fragatas fosse avistar as Rias de Galliza. A jornada foy breve, e o effeito pouco; porque o Conde chegando a Ria de Vigo, bateo as casas da Villa com risco manifesto dos navios da Armada, pela muita artilharia, que jogava sobre elles, que matou, e ferio na Capitania alguns soldados, assistindo o Conde valerosamente nos lugares mais arriscados. Voltou para Lisboa, e o do Prado, dissuadido das esperanças deste soccorro, continuou a defenfa de Entre Douro, e Minho.

D. Balthasar Pantoja na indeterminaçãõ em que se achava de passar a Braga, ou a Ponte de Lima, pelas difficuldades, que lhe representavaõ para conseguir qualquer destas empresas, elegeo por mais facil a interpreza do Castello de Lindoso situado, entre as asperezas da Raya Seca, cinco legoas distante de ambos os quartes, e seis de Braga, de caminhos mais intrataveis pela parte de Portugal, que pela de Galliza; e como a conservaçaõ deste Castello naõ era de muita importancia, se achava sem mais presidio, que alguns paizanos governados por Manoel de Sousa de Menezes seu Alcaide mór. A conseguir esta empresa marchou o General da Artilharia D. Francisco de Castro com dous mil Infantes, e mil e quatrocentos cavallo, e em Lindoso se haviaõ de encorporar com elles tres mil Infantes mandados pelo Arcebispo de Santiago. Todos a hum tempo

têmpo avistaraõ o Castello, e querendo investillo, reclearaõ a resoluçaõ; com que o Alcaide mór se dispoz a defendello. Aguardaraõ por duas peças de artilharia, que se conduziraõ do exercito com grande difficuldade, e depois de cinco dias de bataria, e da perda de hum Sargento Mayor, quatro Capitães, e muitos soldados, se rendeo o Alcaide mór com honrados partidos. Chegou ao Conde do Prado a noticia desta empreza, hum dia depois da marcha dos Gallegos: intentou socorrer o Castello com muniçoens, e Infantaria, mas sem effeito, e deixou de marchar com todo o exercito, assim pela pouca importancia daquelle sitio, como pelos riscos, a que ficava exposta toda aquella Provincia. D. Balthasar os dias, que durou o ataque de Lindoso, procurou divertir o exercito, intentando queimar a Villa da Barca vizinha ao seu alojamento, porém sem defença, e com pouca povoação. Para conseguir este intento, sahiraõ do quartel oito batalhoens, e quantidade de mangas de moqueteiros. O Conde do Prado vendo esta resoluçaõ, mandou ao Tenente General Fernão de Sousa com trezentos Infantes a defender a Villa, o que conseguio, obrigando aos inimigos a se retirarem com algum damno. Era continuo, o que recebiaõ da vigilancia do Conde de S. Joaõ; porque hora nas estradas dos comboys cortando-os, hora armando ás partidas desordenadas, que sahiraõ do exercito a fazer prezas, poucos dias havia, que a nosa Cavallaria se não remontasse de cavallos inimigos. Achava-se embosecado o Tenente André Gonçalves com vinte cavallos na estrada de Monçaõ, a tempo que passava hum Terço de Milicianos para o exercito, que constava de quatrocentos Infantes, na confiança das continuas partidas da Cavallaria, que seguravaõ aquella estrada: não perdeo o Tenente, que era valeroso, occasião taõ opportuna; deixou passar a retaguarda, e entrou por ella com os vinte cavallos unidos, correo até a vaanguarda, matando, e ferindo com tanto estrago, que em pouco espaço ficou a Campanha coberta de mortos, e feridos, e elle se retirou para o exercito carragado de despojos, e seguido

Anno
1662.

guido de prisioneiros, sem receber damno algum. D. Balthasar Pantoja determinou mudar de sitio, como enfermo, a que não aproveitão remedios, e elegendo huma noite tempestuosa, passou o Lima, e torou a occupar o quartel de Murilhoens, e Giela; e como a quantidade da agua, que chovia, fez crescer o rio de sorte, que cobrio a ponte, que era de madeira, e a pressa de passar o exercito, sem ser sentido das noissas linternellas, foy grande, a muitos soldados levou a corrente. O fracço, e o rumor facilitou esta noticia ao Conde do Prado, que determinou seguir os inimigos; porém não consentio abalar o exercito de noite, como pertendeo o Conde de S. Joaõ com o intento de lhe embaraçar a marcha, fazendo tocar juntamente arma na retaguarda, que faria preciso deter-se pelo incerto perigo, que a cerração da noite não deixava distinguir, e que com esta dilação chegaria a luz da manhã, e seria facil derrotar toda a parte do exercito, que não tivesse passado a ponte. Porém o Conde do Prado, que fiava mais do exame dos olhos, que da incerteza da fortuna, não permittio, que se pelejasse de noite. Logo que amanheceo, chegou ao rio o Conde de S. Joaõ, e não achando desta parte mais, que o ultimo batalhão, o carregou com tanta furia, que sem reparar no perigo, a que se expunha, passou intrepidamente da outra parte com os batalhoens, que o acompanhavaõ. Não dilatou D. Balthasar Pantoja usar da oportuna occasião de ser author no mesmo passo, em que se conhecera réo tão poucas horas antes; voltou com a retaguarda, fez o mesmo a vanguarda, que já hia chegando a Murilhoens, e todo o exercito se dispoz á vingança de tantos agravos recebidos nos encontros antecedentes; porém o Conde de S. Joaõ, que nos maiores perigos affinava o valor, e a destreza, ajudado do terreno occupou com partidas de Cavallaria, e mosqueteiros todos os passos estreitos, e os defendeo com tão invencivel constancia, que sendo repetidas vezes accometidos; em todas foraõ os inimigos rechaçados; e deu tempo, a que o Conde do Prado, vendo

do o perigo que corria, viesse diligentemente a soccorrello, fazendo o Mestre de Campo General marchar o exercito com tanta prestreza, que brevemente passou a ponte contra o parecer de muitos Officiaes, que declararaõ, e propuzeraõ o perigo, a que se expunhaõ, e unicamente ficou desta parte do rio o Mestre de Campo Luiz de Sancé com o seu Terço, occupando hum sitio taõ ventajoso, que occasionou com as bocas de fogo grande damno aos inimigos. Por todas as partes se pelejava entre os dous rios Vés, e Lima taõ furiosamente, que a ser o terreno menos embaraçado, naquelle dia se terminaraõ todos os intentos daquella Campanha. D. Balthasar, vendo taõ invencivel resistencia na vanguarda, mandou pela retaguarda as Tropas estrangeiras avançar hum passo, que defendiaõ os Capitães de Infantaria Fernaõ da Silva e Souza, Francisco de Palhares, Marcos de Brito, Joaõ Pereira, e Fernaõ Machado com as suas Companhias. Foraõ valerosamente recebidos, e furiosamente rechaçados, e ajudados da estreiteza dos callejoens os levaraõ tanto espaço, que ficou o exercito seguro daquelle lado. Neste tempo havia chegado a noisa artilharia; e começando a jogar com maravilhoso effeito, igualmente se pelejava por todos os lados com ventajem conhecida do nosso exercito. Porém ainda que o damno, que os Gallegos padeciaõ, era grande, por naõ experimentarem outro mayor, se naõ retiraraõ até cerrar a noite; porque a marcha era por huma ladeira, com que se expunhaõ sem reparo todos os soldados á livre pontaria dos nosos mosquetes, e artilharia. Cerrada a noite, se retirou D. Balthasar Pantoja deixando na Campanha mortos quatrocentos homens, naõ havendo custado mais vidas, que as de trinta Portuguezes. Amanheceraõ os Gallegos outra vez alojados no quartel de Giela, e o nosso exercito seguindo-os, tornou a occupar o alojamento do Souto; e desejando o Conde do Prado occasionar-lhes mayores incommodidades, mudou o quartel para S. Bento, que ficava taõ vizinho aos inimigos, que só o rio Vés com muitos passos livres se interpunha en-

Anno 1662. tre os dous quartéis. Com damno de ambos jogava a artilharia de huma, e outra parte; e considerando o Conde do Prado, que por huma antiga ponte de madeira recebiaõ os Gallegos commodamente os comboys, que vinhaõ dos Fortes da Portela de Vés, a mandou huma noite arruinar pelo Cômilsario geral Joaõ da Cunha, que naõ achou contradiçaõ, que naõ fosse vencivel. Quando amanheceo, acodiraõ os Gallegos a examinar este damno, e acharaõ occupado o posto pelo Conde de S. Joaõ com a Cavallaria, e mangas de mosqueteiros; e como o rio embaraçava pelear-se corpo a corpo, contenderaõ as bocas de fogo cinco horas; e intentando hum troço de Cavallaria estrangeira passar o váo, foy rebatido dos Capitães de cavallos Jeronymo da Silva, e Gonçalo Vaíques da Cunha. Partio a noite a contenda, e vendo D. Balthasar mal succedidas todas as emprezas difficeis, determinou com as faccis despícar o seu enfado. mandou queimar a Villa dos Arcos de Val de Vés situada entre ambos os exercitos sem defenfa, nem moradores; e o Conde do Prado havia deixado de lhe meter guarniçaõ, porque D. Balthasar varias vezes havia tido occasiaõ de fazer este estrago, sem o executar. Avisado das chammas mandou o Conde apagar o fogo, e custou esta diligencia a vida ao Capitaõ Marcos de Brito, e alguns soldados; porém estava taõ ateado, que padeceraõ as casas grande ruina. Prefistiraõ os Gallegos no quartel da Giela até tres de Outubro, sendo quasi incessantes as baterias da artilharia, e bocas de fogo. A noite do dia referido marchou o exercito com tanto socego, que naõ sentiraõ o rumor as fintinellas; e com tanta diligencia, que pelas oito horas do dia ardiaõ os quartéis desoccupados. Levava o lado esquerdo coberto com o rio Vés, e nesta confiança passou a ponte de Azere, ribeiro, que desagua no meímo rio Vés: e pela margem delle segurou a passagem da ponte de Villela. Conseguido este intento, continuou a marcha por sitios taõ embaraçados de cortaduras, e callejoens, que poucos mosqueteiros bastavaõ, para segurar na marcha todo o exercito. O nos-

fo mandou o Conde do Prado formar com a diligencia tantas vezes experimentada, e o sitio mostrou ao Mestre de Campo General a fórma, em que havia de seguir a marcha; porque a Cavallaria, e Infantaria em huma linha buscou as alturas de Monte Rodondo, levando o exercito inimigo no lado direito, e artilharia, e carruagem em outra linha coberta com a primeira. Seguirão a estrada do Cerro do Bico; e nesta disposição marchou o exercito toda a noite, pertendendo o Conde do Prado adiantar-se a ganhar o posto de Pedroso sobre os Fortes da Portella de Vez, por se livrar do cuidado dos lugares, e officinas de Coura. Amanheceo na Giesteira, meya legoa de Pedroso, e tão adiantado ao exercito inimigo, que seguramente mandou fazer alto para descansarem os soldados, que valerosos, e obedientes mostravaõ, que o não appeteciaõ. Informado D. Balthasar da ventagem, que o Conde do Prado havia conseguido contra tudo, o que o seu discurso tinha imaginado, disse com galantaria: Que elle se enganava de que não podia desfobrigarse de ser Quartel Mestre de ambos os exercitos; porque não só nos alojamentos, que ganhava, senão nos que pertendia occupar, finalava ao nosso exercito os sitios, que o incommodavaõ; e reconhecendo arriscada a primeira resolução, seguiu a estrada dos Fortes da Portella, e foi aquartelar-se no primeiro alojamento, que havia occupado dos altos das Pereiras, e Mourisca; o que conseguiu com grande trabalho pelo pezado, e numerozo Trem, que seguia o exercito: e o Conde do Prado commodamente alojou no Pedroso, e ao dia seguinte, que se contavaõ vinte e sete de Outubro, mandou D. Balthasar Pantoja conduzir a artilharia grossa para Mourisca, e para a segurar, tomou as armas todo o exercito. Fez o nosso com esta noticia a mesma diligencia; e tanto que teve principio a marcha, o teve a escaramuça, que travavaõ as Companhias da guarda. Acodio a soccorrellas o Conde de S. Joaõ, e baixou toda a Cavallaria inimiga a segurar o comboy. Por todos aquellos asperissimos valles prolongou o Mestre de Campo

Anno
1662.

Rodrigo Pereira Sotto-Maior mil e quinhentos mosqueteiros, e os Gallegos espalharão pelos montes ainda maior numero de bocas de fogo; porém era larga a distancia, e o estroado era maior, que o estrago. Algumas das nossas mangas, a que dava calor o Commissario geral Manoel da Costa Pessoa com quatro batalhoens, descobrião caminho para investir hum Terço, que se amparava da ruina de humas cascas, assistido de tres batalhoens de Cavallaria com pouca utilidade; porque as cortaduras, e calejoens não deixavaõ aos cavallos livre operaçãõ. Esta desconfiança, e o proprio receio obrigou aos Infantes a voltarem as costas, occasionando a estreiteza do terreno a semrazaõ de serem os ultimos, que fugiraõ, os primeiros que morrerãõ, franqueando o passo a padecerem os da vanguarda o mesmo estrago. Foraõ muitos os prisioneiros, e entre elles o Capitaõ D. Philippe Preijo, sobrinho de D. Balthasar Pantoja. Acodio ao conflicto a Cavallaria inimiga, e em soccorro das nossas mangas o Conde de S. Joaõ, acompanhado dos Capitães D. Antonio Luiz de Sousa, Capitaõ da guarda, e de D. Joaõ de Sousa seu irmão, que de poucos annos galhardos, e valerosos eraõ imitadores das acçoens do Conde do Prado, a quem como Pay, como Mestre, e como General obedeciaõ; de Jeronymo da Silva de Menezes, e da Companhia do Conde de S. Joaõ, governada pelo seu Tenente Amaro Barbosa. Detiverãõ-se os inimigos com este soccorro, e ambos os exercitos pelejavaõ por ambas as partes na fórma, que a estreiteza do terreno o permittia. Todo o tempo que durou o conflicto, sustentou o lado esquerdo da Cavallaria o Tenente General Fernãõ de Sousa Coutinho, com as Companhias de D. Luiz Manoel de Tavora, que com a nova occupaçãõ de Capitaõ de cavallos descobria por instantes os quilates mais subidos de valor, e entendimento; de Ignacio de França, e a do Tenente General, que governava o Tenente Thomás Ribeiro de Sampayo. Durou o combate, o que durou o dia, com desusada operaçãõ; porque o terreno dava a fórma a ambos os exercitos com a mesma irregulari-

gularidade, de que se compunha, e o mesmo terreno embaraçava o ultimo rompimento pelas varias, e difficéis cortaduras, com que se dividia; e só huma differença se conhecia entre os dous exercitos: que os Gallegos affligiaõ-se de não achar estrada aberta por onde se retiraõsem; e os Portuguezes sentiraõ não descobrir caminho desembaraçado para os derrotarem. A noite facilitou aos Gallegos a retirada com tanto trabalho, que enterraraõ algumas peças de artilharia grossa, que não puderaõ conduzir, e ficou o exercito alojado na ultima, e mais remontada aspereza daquellas Serras, em que não descobria outra utilidade, que a segurança dos comboys, e neste alojamento affistio até treze de Outubro, tempo, em que o Conde do Prado aguardou no quartel referido a determinação de D. Balthasar Pantoja, cujas resoluçoens buscavaõ sempre os meios de as encontrar. Na madrugada de quatorze de Outubro se puzeraõ os inimigos em marcha, e fez aviso ao nosso exercito o estrondo das minas do Forte das Pereiras, e hum dos dous da Portella de Vez, a que se deo fogo, recolhida a guarnição depois de marchar a retaguarda do exercito. Com esta noticia mandou o Conde do Prado pegar nas armas, e com tanta diligencia marchou o nosso exercito, que não puderaõ os Gallegos dar fogo ás minas do Forte do Pedroso, e o deixaraõ sem ruína. Foi logo guarnecido pelas primeiras tres mangas de mosqueteiros, que chegaraõ, e jogou a artilharia em grande damno dos Gallegos, e os obrigou a apressar a marcha, estimulados ao mesmo tempo dos batalhoens, com que o Conde de S. Joaõ mandou carregar-lhes a retaguarda; e havendo caminhado perto de duas legoas, ficou aquartelado nos montes de Lordelo, sitio, de que ameaçava Melgaço por Ponte de Mouro, não se retirando para Monçaõ, estrada, que tambem lhe ficava livre. O Conde do Prado alojou o exercito no quartel da Bulhosa, proprio para acudir a qualquer perigo, que sobreviesse: e D. Balthasar Pantoja baixou da Serra para a margem do Minho, e aquarte-
lou o exercito entre Monçaõ, e o Forte do Mouro, for-

Anno
1662.

tificando hum quartel no lugar da Barbeita com tanta cautela, que manifestava o receio de ser desbaratado o mesmo, que havia sahido em Campanha, mostrando querer desafiar aos maiores perigos. Deste alojamento mandou D. Balthasar reconhecer Melgaço; porém os exploradores foraõ taõ mal hospedados da guarniçaõ, que naõ voltaraõ a inquietalla: e o Conde do Prado tendo noticia que estava vizinho Manoel Freire de Andrade, General da Cavallaria da Beira, com trezentos cavallos, e novecentos Infantes, chamou a Conselho, e propoz que o exercito inimigo com indissolvel pertinacia persistia na Campanha, e que quanto eraõ as razoens mais forçosas de se retirar ás suas Praças, para se livrar das inclemencias do tempo, e aos paizanos de Galliza das extorsoens, que padeciaõ no seu sustento, e exorbitancias dos Extrangeiros, tanto maior cuidado devia occasionar a resoluçaõ de D. Balthasar Pantoja fortificar o quartel, que occupava, com tanta attençaõ, que parecia o fabricava para passar nelle todo o Inverno: que a infelicidade, que D. Balthasar havia experimentado em todos os recontros daquella Campanha (que puderaõ ser batalhas, se o seu receio as naõ desviara) insinuava, que naõ haveria resoluçaõ, por ardua que fosse, que naõ abraçasse, por dar cõr aos seus infortunios: que nesta consideraçaõ era preciso buscar-se meio de defarragar os inimigos daquella Provincia quasi exhausta de mantimentos, por ser devassada de dous exercitos tantos dias; que assás havia justificado a sua fertilidade em sustentalos, principalmente constando naõ se haverem alterado os preços dos mantimentos: que elle em satisfaçaõ da virtuosa igualdade dos animos, que em todos os que assistiaõ naquelle Conselho, havia experimentado, de que se reconhecia agradecido por circumstancias inexplicaveis, determinava, sem interpor juizo, seguir o que se venceisse em materia taõ importante, na fé de que havia de ser o que mais conviesse ao serviço d'ElRey, e ao credito das suas Armas.

Ventilou-se largamente no Conselho esta proposiçaõ,

ção, e resolveo-se, depois de diversas, e importantes considerações, que o exercito passasse a alojar a Turperis, que divide o Ribeiro de Gadanha da Campanha de Cortos, e era só o embaraço, que ficava separando os dous exercitos; e que na mesma noite, que se occupasse este quartel, se adiantasse hum corpo de Infantaria com mineiros, e mantas, que em continente se arrimassem ao Castello de Lapella; porque na diligencia de investillo consistia a certeza de ganhallo, pois dando-se tempo aos inimigos de o soccorrer, seria o intento não só difficuloso, mas quasi impossivel; e que nesta contingencia sempre era factivel lograr-se o intento pertendido de desalojar os Gallegos do quartel, em que estavaõ, e consequentemente de toda a Provincia. Foi esta opiniaõ uniformemente seguida de todos os votos, e executada com summa brevidade, pondo-se o exercito em marcha a nove de Novembro a occupar o quartel referido: e como muitas vezes até a demaziada diligencia he nociva, por ser a regularidade nivelada entre os dous extremos da preisa, e vagar, e só a ordem consüma a perfeição das emprezas, a brevidade de marchar o exercito perturbou a disposição de sahirem de vanguarda os mineiros, e instrumentos destinados, para se arrimarem ás muralhas de Lapella; e este descuido difficultou a empreza, não havendo nelle mais desculpa, que serem ordinariamente as idéas como as sementeiras, que produzem conforme a terra, em que se lançaõ. D. Balthasar Pantoja com o primeiro aviso do movimento do nosso exercito para Turperis, largou o alojamento, em que estava, e se arrimou a Monção, e na mesma noite passou o Minho, e dispoz o soccorro de Lapella, que a nossa artilharia começava a bater com dous meios canhoens, duas peças de sete, e hum morteiro, e no principio do ataque se levantou hum Fortim: porém a empreza se hia continuando com insuperavel perigo; porque D. Balthasar se oppoz ao nosso intento com todo o exercito, e em cinco baterias fez jogar dezanove peças grossas, que, supposto se plantaraõ da outra parte do rio, naquella

Anno 1662. he taõ estreito, que se póde julgar por fosso de Lapella, por cujo respeito todas as balas se empregaraõ nos nosos quateis: e naõ perdoava D. Balthasar a diligencia alguma, por naõ accrescentar com algum novo desar os infortunios passados, entendendo, que no serviço dos Principes naõ póde o valor, nem a boa disposiçaõ evitar sahirem sempre condemnados os infelices. Era nesta vigilancia o mais prejudicado o Mestre de Campo Luiz de Sancé, a quem o Conde do Prado havia entregue o governo do aproxe, pleiteando-se-lhe qual quer palmo de terra, que ganhava, com tanto ardor, e multiplicado poder, que nem ser continuamente regada com sangue lhe fazia colher fruto do seu trabalho. Chegando porém a alojar-se tiro de pistola da estacada de Lapella, laborava a artilharia incessantemente contra a Praça, crescendo nas plataformas o numero das peças, porém pela estreiteza do recinto recebia maior damno das bombas, que cahiaõ no aproxe, onde os Cabos assistiaõ com valorosa emulaçaõ: e vendo o Conde de S. Joaõ crescido o nosso exercito ao numero de treze mil Infantes, e mil e quinhentos cavallos, provocava incessantemente os inimigos a pelejar fóra dos aproxes, porém delles com repetidas fortidas procuravaõ só suspender a execuçaõ do trabalho. Huma das noites, em que estava de guarda o Commisario geral Joaõ da Cunha Soto-Maior com quatro batalhoens, foraõ vivamente atacados os Infantes, que trabalhavaõ, porém taõ valorosamente defendidos, que os Castelhanos se retiraraõ com grande perda. Repetio-se este mesmo intento na noite de dezoito de Novembro, estando de guarda com o mesmo numero de batalhoens o Tenente General Fernaõ de Sousa Coutinho, mas era taõ grande a tempestade da agua, que competia com a do fogo, que da Praça, baterias, e exercitos se repetia taõ incessantemente, que fazia resplandecer o escuro das nuvens, que cobriaõ o Ceo, e o tenebroso do fumo, que occupava o ar. A tempestade, e o estrondo dissimularaõ o rumor da passagem de mil cavallos, outros tantos Infantes, e quantidade de Granadeiros, que

palsa-

passaraõ a Lapella, por huma ponte lançada em o fundo de dous braços, que formaõ no rio Minho huma pequena Ilha, e unido este corpo aos mais defensores da Praça, investiraõ taõ furiosamente; o aproxe, que desalojaraõ todos, os que trabalhavaõ nelle. Acodio Fernão de Sousa, e fazendo deter os Infantes, se travou huma porfiada contenda, determinando os inimigos conservar o que haviaõ ganhado; e Fernão de Sousa restaurar o que estava perdido. De hum, e outro exercito se repetiraõ os soccorros de sorte, que a ser o sitio mais espaçoso, se pudera neste dia travar a batalha. Ultimamente depois de muitas mortes, e dispendio de sangue, tornou Fernão de Sousa a recuperar o aproxe, retirando-se os Gallegos com perda consideravel, signalando-se nesta occasião D. Luiz Manoel de Tavora com tanta particularidade, que merecerão os seus poucos annos infinitos applausos, o Capitão de cavallos Fernão Pinto Bacellar, e o Tenente de Fernão de Sousa, Thomás Ribeiro de Sampayo. Ao mesmo tempo desta fortida, querendo D. Balthazar entregar-se todo á fortuna neste ultimo combate, mandou investir por varias partes o nosso quartel, porém a vigilancia invencivel do Conde do Prado, e dos mais Cabos, e Officiaes do exercito desbaratou este empenho, sendo valorosamente rechaçados todos, os que furiosamente investirão. A manhã dividio a contenda, e a prudencia, e industria de João Nunes da Cunha fez separar os exercitos, quando parecia mais indissolvel o empenho, em que se achavão, pedindo a reputação das Armas Portuguezas, que o Conde do Prado não desistisse do intento de ganhar Lapella, e difficultando-o os continuos soccorros, com que sustentava esta Praça o poderoso exercito contrario.

Nas suspensoens das escaramuças havia tido João Nunes lugar de introduzir em o Marquez de Penalva praticas de ajustamento das duas Coroas, mostrando-lhe evidentemente os interesses publicos, e a gloria particular, que poderia conseguir, escurecendo nella os successos passados, que nas defattençoens de seu pay a

Anno 1662. podiaõ abater: e conhecendo Joaõ Nunes, que naõ desagradaõ estas proposiçoens ao Marquez de Penalva, esforçou o combate politico, e a titulo de familiaridade, e confiança lhe communicou que estava para se concluir huma liga com a Coroa de França; e como o Marquez tinha noticia de que esta materia se tratava, fez-lhe grande impressaõ entender, que se concluia; e reconhecendo-a Joaõ Nunes na sinceridade do seu animo, penetrou, que se descobria caminho de se retirar o exercito com reputaçãõ. Deo conta ao Conde do Prado (q̃ naõ era menos industrioso), e alcançaraõ ambos permissaõ da Rainha para se continuarem as conferencias; e tendo o Marquez de Penalva conseguido a mesma licença d'ElRey de Castella, ajudado de D. Balthasar Pantoja, que desejava acabar a Campanha sem novos infortunios, a poucos lances, depois de ter principio a conferencia, logrou Joaõ Nunes a industria, com que havia disposto ser o Marquez de Penalva o primeiro, que pedisse suspensaõ de armas, e divisaõ dos exercitos, para se poder tratar mais formalmente de materia taõ importante. Aceitou Joaõ Nunes promptamente a proposta, e a vinte e tres de Dezembro se retiraraõ os exercitos aos seus alojamentos com tanta alegria dos Povos de hum, e outro Reyno, havendo-se divulgado a pratica, que os dividio, como se viraõ conseguido o tratado da paz, a que ainda se naõ havia dado principio. Foiõ Joaõ Nunes continuando as conferencias, havendo tirado dellas a primeira utilidade de livrar o exercito do empenho do sitio de Lapella; e supposto que o negocio, que se tratava, naõ tinha fundamentos solidos para se conseguir, foraõ muito grandes as utilidades, que resultaraõ destas conferencias, e com ellas tiveraõ remate os progressos desta Campanha venturosamente pleiteada do valor, e destreza do Conde do Prado, e dos mais Cabos, e Officiaes do exercito; particularizando-se com grande especialidade o Conde de S. Joaõ, assim nos importantes soccorros de Tras os Montes, como na diligencia, com que conseguiu formar a Cavallaria da gente mais nobre de

de Entre Douro, e Minho, e Tras os Montes; facilitando-lhe com o exemplo do seu valor todas as emprezas, que se offereceraõ em defenſa daquella Provincia, e ſendo proprio instrumento de ſe augmentar a gloria, que o Conde do Prado conſeguiu naquella Campanha.

A Provincia de Tras os Montes paſſou eſte anno quaſi livre das moleſtias da guerra, por ſe haverem empregado as tropas de Galliza na conquista de Entre Douro, e Minho: e por ſenaõ haver quebrado o concerto de ſe abſter das entradas, e prezas a Cavallaria de huma, e outra parte, tocando o governo das Armas ao Tenente General da Cavallaria Domingos da Ponte Gallego, teve avizo no fim de Outubro por hum volantim, que veio de Monte-Rey, que daquella parte ſe havia por levantado o ajuſtamento da ſuſpenſaõ das pilhagens. Com eſta advertencia dobrou a vigilancia, e reſultou do ſeu cuidado livrar os lavradores da Raya do prejuizo, a que eſtiveraõ expoſtos; porque ao avizo, que os Gallegos fizeraõ, ſe ſeguiu entrarem com cinco mil homens na Campanha de Chaves; porẽm achando os gados recolhidos, e os paizanos retirados aos lugares mais fortes, ſe recolheraõ ſem algum effeito aos ſeus preſidios; e voltando neste tempo o Conde de S. Joaõ para Tras os Montes com as tropas victorioſas, que havia levado a Entre Douro, e Minho, naõ ſõ preferveu aquella Provincia dos damnos, que coſtumaraõ padecer aquellas fronteiras; porẽm foraõ tantos, e taõ continuos os eſtragos, que padeceraõ os inimigos, que até o tempo da paz, como referiremos nos annos ſeguintes, foi a ſua ruina occaſiaõ, pela industria do Conde, e pelo ſeu valor, da melhora, e augmento das tropas daquella Provincia.

O Partido de Almeida governava no principio deſte anno Joaõ de Mello Feyo; e tendo noticia a vinte e hum de Janeiro, que o Duque de Oſuna marchava com tres mil Infantes, e oitocentos cavallos a ganhar Almoſala, e havia feito alto em Campo Rodondo, porque os da Villa ſe naõ quizerãõ render a huma partida,
que

Anno 1662. que mandou diante a persuadilos, sahio de Almeida com trezentos cavallos a tempo , que os Castelhães se retiraraõ obrigados de huma grande tempestade, e como os rios cresceraõ com as aguas, valendo-se Joaõ de Mello da oportunidade , derrotou na passagem delles parte da Infantaria , tomou algumas cargas de muniçoens, e ferramentas , e se retirou queixoso , de que o Conde de Villa-Flor o não soccorrera a tempo, que pudera lograr melhor successo. Poucos dias depois do referido, apertado de achaques pediu licença á Rainha para largar o governo. Concedeo-lha, nomeando-o Conselheiro da Fazenda , e ficaraõ os dous Partidos entregues á direcção do Conde de Villa-Flor. E tendo neste tempo avizo do Conde de Schomberg , que era muito importante fazer alguma diversaõ , que separasse a Cavallaria inimiga , que estava junta mandou ao Mestre de Campo Diogo Gomes de Figueiredo com quatrocentos Infantes , e cento e cincoenta cavallos governados pelo Commissario geral D. Martinho da Ribeira, que marchasse a interprender a Villa de Eljas rica , e opulenta. Executou elle a ordem com segredo , e cuidado , de que resultou entrar na Villa, sem ser sentido. Ganharaõ logo os soldados todos os postos necessarios , para impedirem aos moradores, que se recolhessem ao Castello, e sem opposição saquearaõ a Villa, em que acharaõ despojos, com que puderaõ tolerar a falta de pagamentos, que por dilatada , era muito sensível. Retirou-se Diogo Gomes, e o Conde de Villa-Flor prevenio as Praças, e teve a gente prompta , por lhe chegarem repetidos avizos , de que o Duque de Oisuna se preparava para sair em Campanha ao mesmo tempo , que D. João de Austria , e D. Balthazar Pantoja déssem principio aos seus progressos nas Provincias de Alentejo , e Entre Douro , e Minho , e não lhe embaraçou este cuidado soccorrer ao Marquez de Marialva com quinhentos Infantes pagos, dous Terços de Auxiliares, dous mil soldados da Ordenança , e duzentos cavallos, ficando-lhe por este respeito muito faltas de muniçoens dez Praças principaes , e varios Castellos importantes, accref-

acrescentando-lhe o embaraço a falta de assento de paõ de munição, e dinheiro para o pagamento dos Soldados; desordem, que attribuia sem causa á inimizade do Secretario de Estado Pedro Vieira da Silva: e chegou a tão manifesta demonstração, que pediu á Rainha Ministro, a quem recorresse; diligencia, que Pedro Vieira sentio excessivamente, pela contingencia de se poder suppor que preferia paixoes particulares ao grande zelo, com que tratava da defenſa do Reyno, sem se lembrar ser esta a forçosa pensão de qualquer Ministro publico; officio tão pezado, que nem basta concorrer a virtude do animo com a felicidade dos successos para o fazer ligeiro; porque á fortuna do Ministro benemerito faz tiros a inveja, a desgraça, e a ignorancia: se serve puramente, tem por opposto o malevolo, a quem castiga: se desacerta, a mesma culpa, com que condemna o innocente: e he tão cega a ambição dos homens, que arriscaõ não só a vida, mas a alma, por lograr occupaçoens tão perigosas, que os acertos, e os erros igualmente pendem para o precipicio. Ao pälso que cresciaõ as noticias de que o Duque de Osuna sahia em Campanha, se multiplicava o aperto, que o Conde de Villa-Flor padecia, mas vencendo a sua actividade todos os impossiveis, tomou sobre o seu credito o trigo, que era necessario para o lavor do paõ de munição: pagava com o seu cabedal as carruagens, e as ferragens dos cavallo, e ajudava-se para o remedio de tantos inconvenientes da actividade de Manoel Freire de Andrade, novamente provído no Posto de General da Cavallaria daquella Provincia.

Passaraõ alguns mezes sem algum encontro: no de Outubro teve D.Sancho noticia de que a Cavallaria dos Castelhanos se acrescentava com Companhias de Catalunha, desoccupada a fronteira de França das guarniçoens, com que se defendia, pelo beneficio do casamento, e paz celebrada entre as duas Corõas. Antes que os novos hospedes tomaſsem mais conhecimento da Campanha, e primeiro que perdessem o calor de mostrar aos inimigos os contrarios os effeitos da sua resolu-

Anno
1662.

solução, e a sciencia da sua disciplina, (vaidade, que muitas vezes tem precipitado aos Soldados mais prudentes, e vigilantes) marchou D. Sancho com duzentos e sessenta cavallos a se emboscar entre as Praças da Sarça, e Salvaterra, e mandou ao Commissario geral D. Martinho da Ribeira, que com hum batalhaõ occupasse hum posto vizinho á Sarça para carregar os cavallos, que sahisse della a descobrir a Campanha. Ao amanhecer sahio daquella Praça huma Esquadra, e foi carregada de huma partida noisa, disposta para este effeito. Estavaõ na Sarça alojadas sete Companhias de cavallos, cinco de Catalunha, duas da guarnição ordinaria. Achavaõ-se montadas as do Baraõ de Santa Christina, e as de D. Antonio Pinhatello, sobrinho do Duque de Monte-Leaõ. Tanto que ouviraõ tocar arma, sahiraõ os dous Capitaens em soccorro da Esquadra; e como eraõ pouco praticos no terreno, brevemente se acharaõ cortados das Companhias de D. Martinho da Ribeira. Pertenderaõ resistir, mas foi sem effeito, e quando quizeraõ retirar-se, as acabou. D. Martinho de derrotar, salvando-se unicamente o Baraõ de Santa Christina. Os mais Officiaes, e Soldados foraõ mortos, e prisioneiros, e entre estes D. Antonio Pinhatello. Retirou-se D. Sancho, e os Catalães se acautelaraõ, escarmentados deste máo successo.

O Duque de Ofsuna applicava, quanto lhe era possivel, sair em Campanha, e o primeiro de Junho intentou passar a Ribeira de Agueda, e entrar no termo de Castello-Rodrigo. Teve avizo Manoel Freire, que assistia em Almeida; marchou com trezentos cavallos, e averiguando que haviaõ passado o rio mil e quinhentos Infantes, os mandou investir pelo Commissario geral D. Antonio Maldonado, de que resultou retrocederem com alguma perda; e o Duque de Ofsuna retirar-se para Ciudad-Rodrigo. Voltou Manoel Freire para Almeida; e dentro de poucos dias chegou o Conde de Villa-Flor áquella Praça, entendendo, que toda a inclinação do Duque de Ofsuna era fazer guerra por aquelle districto, e que juntava tropas para dar á execução

ecuzaõ este intento. Com esta presumpçaõ unio a gente paga, auxiliar, e alguma da Ordenança, e deixando as Praças guarnecidas, marchou para o Sabugal, onde achou noticia que se havia desvanecido a determinação do Duque de Ossuna, e que em Alvergaria havia entrado hum grosso comboy. Entendeu poderia prejudicar-lhe na retirada; e com este fim mandou ao Comissario geral D. Martinho da Ribeira com duzentos cavallos, e teve taõ bom successo, que derrotou o comboy, e fez prisioneiros duzentos Infantes, e alguns cavallos, sendo o Capitão André Tavares de Mendonça, a quem tocou a melhor parte deste successo, acompanhado de João de Saldanha, e Salvador Correa, ambos estudantes de pouca idade, que por curiosidade haviaõ passado á Beira, e resistiraõ largo espaço a muitos Castelhanos, com quem pelejaraõ, até que sendo soccorridos, os desbaratareaõ. Retirou-se D. Martinho, e o Conde de Villa-Flor passou a Almeida, e applicou todo o cuidado a acodir aos muitos perigos, que ameaçavaõ aquella Provincia, sendo muito poucos os meios, com que se achava para resistir a taõ consideravel empenho.

Dilatou o Duque de Ossuna sahir em Campanha até oito de Julho, determinando utilizar com os seus progressos os de D. João de Austria. Constava o corpo do exercito, com que marchou, de seis mil Infantes, oitocentos cavallos, nove peças de artilharia de Campanha, quatro meios canhoens, quinhentos carros, quantidade de muniçoens, e varios instrumentos de expugnação. Tomou o primeiro alojamento no Forte de Gallegos, tres legoas distante de Almeida, duas de Val de la Mula; continuou a marcha pelo termo de Castello-Rodrigo, onde queimou alguns lugares abertos, que o Conde de Villa-Flor havia mandado despovoar; fez alto em Escalhaõ, e neste lugar, que fica vizinho da Raya, deo principio a hum Forte. Achava-se o Conde de Villa-Flor com quatro mil Infantes, em que havia fó hum Terço pago, com seis Companhias de cavallos, a que se uniaõ alguns da Ordenança, falto de man-

Entra o Duque de Ossuna nos dous partidos da Beira com o exercito de Castella.

Começa a levantar hum Forte em Escalhaõ.

timen-

Anno
1662.

timentos, e dinheiro, mas com sobrada confiança no seu esforço, e diligencia. Com esta gente tomou alojamento na Ribeira de Aguiar, meya legoa de Escalhão; porque deste sitio cobria grande parte dos lugares de Ribacoa; resolução, com que atalhou o intento do Duque de Olsuna, que se achou grandemente embaraçado, não sabendo determinar-se, nem a pelear com o Conde de Villa-Flor no quartel, que havia occupado, nem a investir a Praça guarnecida; e resolvendo tomar a estrada mais segura, se retirou para Ciudad-Rodrigo; e o Conde de Villa-Flor vendo lograda a fortuna, que não esperava, passou a Escalhão, e aperfeiçoou o Forte, que o Duque de Olsuna havia começado; e deixando-o guarnecido, se retirou para Almeida, e sem dilação licenciou aos soldados Auxiliares, e da Ordenança, para acodirem ao remedio das suas casas no recolhimento das sementeiras. Valeu-se o Duque de Olsuna desta noticia, e havendo-lhe chegado novos socorros, que lhe remeteo D. João de Austria, mandou avançar vinte batalhoens de Cavallaria ao Forte de Escalhão; porém reconhecendo-o melhor guarnecido, do que imaginaraõ, e a Campanha totalmente falta de agua, por haver o Conde de Villa-Flor mandando cegar algumas fontes, que nella havia, a que a força ardente do Sol tinha perdoado, voltaraõ para Ciudad-Rodrigo; e vendo o Duque de Olsuna repetidas as infelicidades, intentou, e conseguiu atalhar a desgraça com a industria. Governava o Forte de Escalhão o Alferes João Rodrigues do Terço de Bartholomeu de Azevedo: mandou-lhe por huma intelligencia offerecer grandes partidos, se lhe entregasse o Forte. Deo entrada o Alferes a esta proposição, e a poucos lances venceu a ambição a fidelidade, e contratou entregar o Forte. A vinte e dous de Setembro, seguro o Duque de Olsuna na verdade da offerta, sahio de Ciudad-Rodrigo com a Cavallaria, e duzentos Infantes, e sem resistencia entrou no Forte, por haver o Alferes fechado as armas, e as muniçoens com tanta segurança, que não puderam os soldados usar dellas, quando sentiraõ a chegada dos

dos Castelhanos. Adiantou o Duque as fortificações, reforçou a guarnição, e retirou-se para Ciudad-Rodrigo a premiar ao traidor a fortuna, que havia conseguido. Anno 1662.

Chegou a noticia da perda de Escalhaõ ao Conde de Villa-Flor, e buscou o desafogo do seu sentimento na resolução de o tornar a recuperar por meyo mais decoroso, e com este nobre impulso do valor juntou diligentemente tres mil homens pagos, e Auxiliares, governando os pagos o Mestre de Campo Diogo Gomes de Figueiredo, acompanhado de Diogo Dias Sargento Maior de Bartholomeu de Azevedo; os Auxiliares o Mestre de Campo Francisco de Sá Coutinho, e os Sargentos Maiores João Gonçalves, Luiz da Silva, e Manoel Fernandes Laranjo, e seiscentos cavallos á ordem do General da Cavallaria Manoel Freire de Andrade, assistido dos Commissarios geraes D. Martinho da Ribeira, e D. Antonio Maldonado, quatro meios canhoens, e duas peças de Campanha entregues ao Tenente General da Artilharia Paulo de Andrade Freire, munições, e mantimentos necessarios. Com esta gente chegou o Conde a Escalhaõ a treze de Outubro, e com tanta diligencia laborou a artilharia, caminharão os ataques, e se abrirão as brechas, que depois de mortos muitos dos sitiados, se rendeo D. Christoval Giral Governador do Forte com trezentos Infantes, e vinte e cinco cavallos, prevalecendo no seu animo o medo do assalto á esperanza de resistilo, e á certeza, de que o Duque de Ofsuna havia de soccorrello pela muita gente, com que se achava: e nas duas resoluções dos dous Governadores de Escalhaõ ficou em duvida, em qual dellas teve maior parte a infamia. Sentio o Duque de Ofsuna, naturalmente colerico, excessivamente esta desgraça, conhecendo-a irremediavel pela brevidade, com que as tropas da Beira, que estavaõ em Alentejo, haviaõ de voltar para a sua Provincia. Todos os Officiaes, que se acharão nesta empreza, procederão com grande valor, e com especialidade o Mestre de Campo Diogo Gomes, e não houve perigo nos aproxes, que não des-

vane-

Torna a ganhar o Conde de Villa-Flor com baterias, e aproxes.

Anno
1662. vaneceſſe o valor , e actividade do Conde de Villa-Flor, que ſe retirou para Almeida com juſto contentamento pelo ſucceſſo , que havia logrado ; e dentro de poucos dias mandou ao Commiſſario geral D. Antonio Maldonado com ſeis Companhias armar a huma , que eſtava de guarnição em S. Felices : porém antes que elle chegaſſe , teve avizo o Duque de Oſuna , que mandou ſahir de Ciudad-Rodrigo a Cavallaria com tanta diligencia , que em poucas horas marchou nove legoas. O Cõmiſſario ao amanhecer lançou duas partidas a pegar no gado , que ſahio de S. Felices , para obrigar a Companhia de cavallos ao intento de recuperallo. Governavaõ as partidas o Capitaõ Paulo Homem , e Antonio Ferraõ : carregaraõ oitenta cavallos alguns batedores noſſos , que foraõ avançados ; porém os dous Capitães , depois de breve refiſtencia , lhes tomaraõ quarenta , e quando imaginavaõ , que os mais ficariaõ prifioneiros no alcance , ſe acharaõ com os batalhoens , que eſtavaõ emboscados , mas a tempo , que elles fizeraõ alto ; e os Caſtelhanos ſabendo o ſitio , em que eſtava o Commiſſario , carregaraõ para aquella parte , ſuppondo que ſeria maior o emprego. Achava-ſe o Comiſſario ſem mais que oitenta cavallos da ſua Companhia , e Milicianos: intentou pelear , mas com pouco effeito. Voltou as costas , e teve a fortuna de não ficar prifoneiro : retirou-ſe com trinta ſoldados , os cincoenta ſe renderaõ. Paulo Homem , e Antonio Ferraõ , vendo-ſe livres , ſe retiraraõ ſem perda , e com os quarenta cavallos , que haviaõ tomado. Dentro de poucos dias marchou o General da Cavallaria Manoel Freire com o ſocorro , que referimos , para Entre Douro , e Minho; noticia , que facilitou ao Duque de Oſuna entrar na Campanha de Penamacor , e queimar naquelle diſtriçto quantidade de lugares abertos , ſem que o Conde de Villa-Flor pudeſſe fazer-lhe oppoſição pela falta de gente , com que ſe achava.

Em quanto tres exercitos combatiaõ as fronteiras deſte Reyno não era menos perigoſa a guerra domeſtica ; pois com mais arriscadas conſequecias deſtrua

o governo politico. Pleiteavaõ-se nas Provincias de Alentejo, Entre Douro, e Minho, Tras os Montes, e Beira as contendas militares, hora com aduerios, hora com prosperos successos, e a fortuna de huns contrapezava a desgraça de outros. Pelejavão na Corte as prudentes attençoens da Rainha, e seus Ministros contra as defórden d'ERey, e seus assistentes, e corrião sem allivio com tão precipitada torrente os infortunios, que não havia instante ditoso, que pudesse suavizar os dias infelices. Entre tantas guerras intrinsecas, e externas, e vencendo outras difficuldades não menos robustas, conseguiu a Rainha Regente a conclusão da partida da Rainha de Inglaterra. Celebrou-se em Lisboa o ajuste do casamento com custosas festas de fogos, luminarias, e touros, em que toureáraõ com grande luzimento, e destreza o Conde de Sarzedas, o da Torre, e D. Joaõ de Castro. Havia chegado a Lisboa (como referimos) o Conde da Ponte, a quem a Rainha fez mercê do Titulo de Marquez de Sande, alguns mezes antes da Armada de Inglaterra, e ajustado tudo, o que continhaõ as capitulaçoens, depois de vencidos grandes obstaculos, chegou a Armada, que constava de quatorze náos de guerra, cinco sumacas. Era seu General Duarte de Monte-Gui, Conde de Sanduhic com o titulo de Embaixador Extraordinario. Acõpanhavaõ a Rainha, de mais do Marquez de Sande Embaixador Extraordinario, Nuno da Cunha de Ataide Conde de Pontével, D. Francisco de Mello, depois Embaixador a Hollanda, e a Inglaterra, Francisco Correa da Silva, com as mais pessoas da sua familia, que passavaõ decento, Duarte de Monte-Gui primo do General, como Escribeiro mór da Rainha, D. Henrique Zevout Veador da Rainha mãy de Inglaterra, Ricardo Ruxel Bispo eleito de Portalegre, como seu Esmoler, D. Patricio Clerigo Irlandez com o mesmo cargo, e outras pessoas de qualidadc; e feita a funçaõ da entrada, partio a Rainha a vinte e tres de Abril na fórma seguinte. Sahio da antecamera da Rainha Regente á sua maõ direita; e dous passos diante ERey, e o Infante D. Pedro, Officiaes

*Chega a Lisboa
a Armada da
Inglaterra.*

Rey.

Anno
1662.

da Casa, Titulos, e Nobreza. Desceraõ pela escada do quarto, que entaõ era da Rainha, e baixaraõ á Sala dos Tudecos, e chegando ao topo da escada, que vay ao páteo da Capella, se deteve a Rainha mãy; e como nella era o lugar das ultimas despedidas da Rainha sua filha, pertendeo beijar-lhe a maõ (o que naõ consentio a Rainha Regente) e abraçando-a lhe lançou a benção com exterior severidade; porque o interior carinho solicitava diferentes demonstraçoens. Baixou a Rainha de Inglaterra a escada entre EIRey, e o Infante seus Irmãos; e fazendo instancias para que a Rainha mãy se recolhesse, antes de ser precisõ voltar-lhe as costas, o naõ conseguiu, porque a Rainha esperou, que ella entrasse na carroça; o que fez depois de huma profunda reverencia, a que a Rainha lhe correspondeo com outra benção, e voltou as costas, antes que seus filhos entrassem na carroça; e quando sem testemunhas pode exprimir as demonstraçoens das saudades, pagaraõ os olhos em diluvios de lagrimas o que resistiraõ reprimindo-as obrigados dos respeitoos do coração magnanimo, e Real. Entrados os Principes na carroça, a Rainha á maõ direita d'ERey, e o Infante D. Pedro na cadeira de diante, acompanhados de toda a Nobreza com luzidissimas galas, seguindo a carroça os Capitães da Guarda, foraõ pela rua Nova á Sé entre as alas da Infantaria formada, ornadas as ruas, e janellas com vistosos adereços; e em quanto se dilatou o acompanhamento em chegar á Sé, se ouviraõ repetidas salvas de artilharia no rio, Fortalezas, e navios anchorados, que faziaõ confusa consonancia com os repiques dos sinos das Paroquias, e Conventos, e pelas ruas se encontraraõ diferentes danças, e se repetia a consonancia de varios instrumentos alternados com charamelas. Chegaraõ á Sé pelas nove horas da manhã; estava a Igreja ricamente adereçada; e entrando na Capella Mór com o Cantico do *Te Deum laudamus*, se recolheraõ os Reys na cortina, preferindo sempre no melhor assento a Rainha de Inglaterra; e em quanto durou a Missa se encomendou a varios Fidalgos entretivessem no Claustro da

da Sé o Embaixador de Inglaterra, e o Estribeiro mór, e Veador da Rainha, e mais Inglezes de qualidade, que havião chegado na Armada a buscar a Rainha, por serem de differente Religião. Acabada a Missa, tornaráo os Reys a entrar na carroça, e vierão pelo Terreiro do Paço, achando as ruas, por onde novamente passaráo, com iguaes adereços aos antecedentes, e todos os Arcos com differentes, e vistosas architecturas fabricados por ordem do Provedor dos Armazens, Contador mór, e Provedor da Alfandega. Chegando á Campainha, havendo-se aberto o muro do jardim, que fica junto da Ribeira das Nãos, entrou pela nova porta só o coche dos Reys; e todos, os que hiaõ no acompanhamento, se apearaõ; e sahindo por outra porta do jardim a huma ponte custosamente adereçada, em cujo remate estayaõ os bargantins, antes de embarcar a Rainha de Inglaterra, lhe beijaraõ todos a mão, e querendo fazer a mesma cerimonia a ElRey, o não consentio em obsequio da Rainha sua Irmãa. Entrou a Rainha no bargantim, que custosamente lhe estava prevenido, levando-a ElRey pela mão: seguiu o Infante os Reys, e depois de todos sentados, entraraõ no bargantim a Camereira mór, Damas, e Donas de honor, o Embaixador de Inglaterra, o Estribeiro mór, e Veador Inglezes, o Marquez de Sande, Nuno da Cunha; novamente Conde de Pontevel, Francisco Correa da Silva, e D. Francisco de Mello, que eraõ as pessoas principaes, que acompanhavaõ a Rainha de Inglaterra, os Officiaes da Casa d'ElRey, e os seus Gentis-homens da Camera. Em varias falúas, e gondolas bem adereçadas se embarcou todo o acompanhamento, separando-se em outras todos os Tribunaes distinctos, e em grande numero de barcas se repartiraõ musicas, danças, e instrumentos. Tanto que o bargantim desamarrou, se repetiraõ no rio as salvas da artilharia até a Rainha chegar á Capitania de Inglaterra, onde estava prevenida huma escada cõmoda para subir ao alto della; e entrando na Camera; que estava ricamente adornada, se despediraõ da Rainha ElRey, e o Infante seus Irmãos, e

Embarca-se a Rainha, e parte para aquelle Reyno.

Anno 1662. lhe beijaraõ a mão com muitas lagrimas as Damas, e Donas de honor, sendo só permittida esta jornada a Dona Elvira Maria de Vilhena, Condesa de Ponteval, e a Dona Maria de Portugal Condesa de Penalva, que sem casar, morreo em Inglaterra. A Rainha acompanhou seus irmãos até o primeiro degrão da escada do navio, naõ querendo voltar para a Camera, por mais instancias que ElRey lhe fez, sem que elle, e o Infante entrassem no toldo do bargantim, e despedido do navio, seguiu a ElRey todo o acompanhamento, voltando a Camereira mór, Damas, e Donas de honor em huma falúa, que estava prevenida. Navegou ElRey para o Paço, fez-se a Armada á vela, e do successo da viagem daremos noticia em lugar competente, por tocar na ordem da historia á Embaixada de Inglaterra.

A Rainha Regente, logo que partio a Rainha de Inglaterra, achando-se desembaraçada deste taõ grãde cuidado, que tinha vencido, rompendo montes de difficuldades, superando controversias, q̃ pareciaõ incontrafactaveis, e padecendo censuras, que puderaõ render outra constancia, tratou de dar casa ao Infante D. Pedro, que havia chegado á idade de quatorze annos com tantas esperanças de lograr os dous pólos da vida dos Principes, do valor, e entendimento, e com taõ agradável docilidade, que fazia a Rainha justamente escrupulo de o naõ apartar, o mais que fosse possivel, dos indignos divertimentos, que ElRey infelicemente insinuava enganado da vileza das pessoas, que indignamente continuavaõ na assistencia da sua Camera. Além desta razão havia outras naõ menos poderosas, que obrigarãõ a Rainha a tomar este partido: a primeira, o intento a que caminhava de entregar a ElRey o governo do Reyno, e gastar os annos, que lhe restassem de vida, nos exercicios virtuosas de huma clausura; a segunda, conhecer que o animo d'ElRey, ou por destino, ou por inhabilidade, ou por inveja, era taõ opposto ás partes singulares do Infante, que a domestica assistencia vaticinava á sua vida o perigo infallivel, e á sua authoridade descontos inevitaveis, repetidas vezes; huma e
outra

outra ameaçadas da insupportavel, e irreduzível co-
 ra d'ElRey; a terceira, ser este o costume dos antigos
 Reys de Portugal, darem casa separada aos Infantes com
 Officiaes de igual qualidade aos dos Principes. To-
 mada esta deliberação, e approvada por todos os Mi-
 nistros, que caminhavaõ á mayor segurança do Reyno,
 elegeo a Rainha para quarto do Infante as casas, que
 o Marquez de Castello-Rodrigo havia edificado sobre o
 Tejo no sitio da Corte-Real, e nomeou por seus Gen-
 tis-homens da Camera ao Conde de S. Lourenço, do
 Conselho de Estado, e Veador da Fazenda da reparti-
 ção da Africa; ao Conde de Soure Presidente do Con-
 selho Ultramarino, e Conselheiro de Guerra; Ruy de
 Moura Telles do Conselho de Estado, Presidente do
 Paço, e Estribeiro mór da Rainha; D. Rodrigo de Me-
 nezes Regedor da Justiça; Jorge de Mello Conselheiro
 de Guerra, e General das galés; Joaõ Nunes da Cu-
 nha Governador das Armas de Setubal, e Deputado da
 Junta dos Tres Estados; e juntamente foy eleito para
 Sumilher da Cortina Rodrigo da Cunha de Saldanha,
 Chantre da Sé de Lisboa, que já havia tido esta occu-
 pação no serviço do Principe D. Theodosio, para Secre-
 tario Antonio de Sousa Tavares Desembargador do Pa-
 ço: e porque a debilidade do Prior de S. Dofeita o des-
 obrigava do exercicio de Mestre, foy escolhido com me-
 recida attenção Francisco Correa de Lacerda. E porque
 todas as pessoas nomeadas, assim nas virtudes, como
 na qualidade, e merecimento, eraõ das mais capazes do
 Reyno para a perfeita educação de hum Principe, foy
 geralmente approvada esta eleição, e só a contra-
 dição os que assistiaõ a ElRey, que revestidos da
 ambição, e interesses propios, convertiaõ em o ani-
 mo d'ElRey a triaga em veneno, persuadindo-o que
 a Rainha descobrira na resolução desta politica, que
 determinava tirarlhe a Coroa, e dalla ao Infante, di-
 latando por este caminho a Regencia do Reyno. El-
 Rey como se transformava sem reflexão no que ouvia
 áquelles homens, com que ordinariamente tratava,
 imprimindose-lhe no coração este fraudulento discurso,

Anno
1662.

e faltando-lhe prudencia para recatar o seu enfado, o publicou taõ manifestamente, que todos aquelles, que sollicitavaõ caminhos para a melhora da propria fortuna, começaraõ a separar-se de sorte da assistencia do Infante, que naõ só desampararaõ a Corte Real, porèm com indigna lisonja se retiravaõ dos lugares publicos, em que encontrando o Infante deviaõ acompanhallo; e naõ tendo mais assistencia, que a dos seus criados, com madureza superior aos annos tolerava prudentemente estas desigualdades.

Determina a Rainha Regente entregar o governo a ElRey seu filho.

A quatro de Junho foy o dia, em que o Infante sahio para o seu quarto, e no mesmo ponto começou a Rainha a dispôr entregar a ElRey o governo do Reyno, applicando-lhe a brevidade os fallos rumores, que se espalhavaõ de contrarios intentos; e para o fim referido mandou declarar pelo Secretario de Estado Pedro Vieira da Silva a Ministros escolhidos em todos os Tribunaes, que no mez de Agosto seguinte, dia de S. Bernardo, determinava entregar a ElRey o governo do Reyno; cbrigaçaõ, que havia dilatado assim pelos continuos embaraços da guerra, como pela pouca applicaçãõ, que ElRey mostrava ao governo da Monarquia; pertendendo, levada dos carinhosos affectos de May, que ElRey entrasse a governar o Reyno com a melhor educaçaõ, que fosse possivel: porèm que a experiencia lhe mostrava, que nem hum, nem outro intento permittia Deos, que ella lograsse; porque a guerra nunca estivera mais furiosa, nem ElRey mais precipitado: que de hum, e outro infortunio entendia, que eraõ causa seus peccados, e naõ occasiaõ a sua negligencia; porque á defensão do Reyno se tinha applicado com as atençaõens, que era notorio, e á criaçaõ d'ElRey com o disvelo, que devia ser manifesto; porque as pessoas indignas, de que elle se acompanhava, naõ eraõ aquellas, que ella lhe escolhera para lhe assistirem, e o doutrinarem, naõ sendo poderosas as industrias para emendarem os erros da natureza; e que sendo, como Máy, segunda causa, pudera dalla, e naõ escolhella a seu filho; reservando Deos como causa primeira só ao seu supremo

mo poder este beneficio: que não ignorava, que entregar o leme do navio naufragante a Piloto inexperto, era o mayor perigo da tormenta; e que por todos os inconvenientes passara, sem fazer caso de falsos, rumores, de que devia ser isenta a soberania dos Principes) e aguardara mayor socego em os negocios publicos para entregar a ElRey o governo do Reyno; porém que estava de permeyo o obstaculo do risco do seu respeito, que todas as horas receava profanado da implacavel colera d'ElRey, provocada da maliciosa astucia de seus indignos assistentes; e que como com este perigo não poderia outro algum ter igualdade, queria lhe dissessem a fórma, e ceremonias, com que havia de entregar a ElRey o governo; porque a parte, que ella havia de eleger para passar o tempo, que lhe durasse a vida, tinha já escólhido, e determinado.

Anno
1662

Ouvidas estas prudentissimas razoens pelos Ministros, a quem a Rainha as mandou consultar, responderaõ, depois de larga conferencia, na substancia seguinte: Que todos os Estados do Reyno se achavaõ taõ cabalmente satisfeitos das acçoens heroicas, que S. Magestade tinha exercitado no tempo do seu governo, depois da lamantavel morte do Serenissimo Rey D. Joaõ de eterna memoria, que não se acharia algum de seus vassallos, ainda dos que se julgavaõ menos favorecidos, que não rubricasse com o seu sangue a sua satisfação; porque na guerra os successos infelices foraõ inferiores aos prosperos: e em negocios politicos as alianças de Inglaterra, as assistencias de França, e a paz de Hollanda não admittiaõ exemplo de mayor felicidade, mostrando os interesses presentes de toda a Europa; França por casamentos unida com Castella; Inglaterra por perturbações dependente de ambas as Coroas; Hollanda por máos successos do Brasil animada a industrias vinganças: e que se a guerra, e a politica, pólos da cõservação da Monarquia, testemunhavaõ as suas melhoras, como seria possível permittir-se, que S. Magestade a defamparasse no tempo, que mais necessitava do seu prudente governo: Que se S. Magestade com a sua

Varios discursos
sobre esta resolução.

Anno 1662. grandeza, com o seu juizo, e com o seu poder não conseguia moderar as inclinações d'ElRey, que seria do Reyno entregue á sua absoluta disposição, só regida por dictames de homens facinorosos: Que S. Magestade lembrada da obrigação, em que a puzera o testamento d'ElRey seu marido, (que na sua direcção havia livrado as esperanças da conservação do Reyno) e persuadida das justas instancias de seus vassallos, devia ser servida de mudar de resolução, ou ao menos differilla o tempo, que lhe parecesse conveniente; e que dado caso (o que se não esperava da sua singular prudencia) que nem a huma, nem a outra persuasão se accommodasse o seu soberano espirito, devia considerar o grave escrupulo, em que incorreria, se não apartasse do lado d'ElRey, antes de largar o governo, a Antonio de Conte, e todos os delinquentes, que o acompanhavaõ; devendo S. Magestade ponderar que a estes homens tão insolentes deixava entregue as honras, as fazendas, e vidas de seus vassallos, tanto em prejuizo da sua consciencia, como se deixava conhecer dos lastimosos effeitos, e tristes espectaculos, que ameaçavaõ toda a Monarquia.

A Rainha depois de larga ponderação, e profundo discurso sobre as efficazes razoes referidas, não se deixando convencer nem da primeira, nem da segunda proposição, julgando o perigo da sua authoridade superior a qualquer outro inconveniente, cedeo á terceira instancia: obrigada do escrupulo, que justamente se lhe propunha, mandou a Pedro Vieira tornasse a convocar os Ministros, e que da sua parte lhes agradecesse tudo, o que lhe haviaõ representado; e que sem alterar a determinação de entregar a ElRey o governo do Reyno, intentava, antes desta resolução, apartar da companhia d'ElRey a Antonio de Conte, e aos mais, que com tão culpavel desenvoltura infamavaõ as suas acções, porém que primeiro se lhe apontassem os meynos, e a fórma de se conseguir este bem fundado discurso. Muitas vezes foy conferida esta materia pelo Duque do Cadaval, que tinha grande parte em os mayores

res negocios , superando os seus poucos annos o seu zelo, e actividade , que os frutos da doutrina politica costumaõ madurar ; o Marquez de Marialva, o Marquez de Gouvea ; o Conde de Soure , Jorge de Mello , D. Rodrigo de Menezes , o Bispo de Targa , eleito de Lamego , o Prior de Sodofeita , o Padre Antonio Vieira, e o Secretario de Estado Pedro Vieira da Silva , e havendo-se considerado com grande circunspecção a gravidade desta materia , e concordado , que se a facilitava ser acção taõ precisa a conservação do Reyno , como qualquer das mayores , que se haviaõ executado pela sua liberdade, por consistir nella , ou governar ElRey a Monarquia por meynos indecorosos, e insupportaveis, ou por leys ajustadas , e virtuosas ; a difficultava ser o aposento de Antonio de Conte taõ immediato á Camera d'ElRey , e andar elle taõ prevenido , que ou sahia fóra do Paço ao lado d'ElRey , ou não sahia : que haver de ser prezo dentro do Paço era arriscado , e indecoroso , e por consentimento d'ElRey impossivel , porque animado do seu favor começava a ter tanta authoridade em os negocios publicos , que era Conferente dos Ministros estrangeiros , e tinha em seu poder os papeis mais importâtes da Secretaria de Estado: e em duvidas taõ relevantes parecia o remedio mais conveniente convocarem-se Cortes , para que ElRey sem replica houvesse de consentir no assento cõmum do Reyno , porém o aperto, em que estavão os Póvos , e as perigosas negociaçoens de D. João de Austria , que não erãõ totalmente occultas, fazião arriscada esta deliberação , e achando-se impenetraveis todos os caminhos apontados , concordou este Congresso , em que o tempo das prizoens referidas fosse na hora , em que ElRey estivesse com a Rainha no despacho ; e que logo que fossem executadas , se dèsse recado aos Ministros dos Tribunaes , Nobreza , e principaes do Povo , que representão corpo de Cortes , e que todos juntos entrassem na casa do despacho, e acabado elle , e na sua presença se dèsse conta a ElRey do que se havia executado em beneficio da conservação do Reyno.

Este

Anno
1662.

Este parecer firmado pelos Ministros referidos apresentou Pedro Vieira á Rainha, que o approvou como remedio, se não o mais faudavel, o menos difficultoso; e depois de ajustada a fórma da execuçaõ, e lançadas cuidadosamente em hum papel as razoens, que o Secretario de Estado havia de ler em publico a El-Rey, deu a Rainha ordem ao Doutor Duarte Vaz Dorta Olorio, Corregedor da Corte, para que assistido da authoridade do Duque do Cadaval, do Porteiro mór Luiz de Mello, e de seu filho Manoel de Mello, prendesse a Antonio de Conte, finalando-lhe o dia de Sabado pela manhã, em que se contavaõ dezaseis de Junho, tanto que El-Rey entrasse para o despacho; e as prizoens dos mais pronunciados, que viviaõ fóra do Paço, se encõmendaraõ a varios Ministros, para que sem differença de tempo as executassem; e juntamente ordenou a Rainha, que estivesse hum navio prompto para receber os prezos, e que tanto que o Capitão se entregasse delles, se fizesse á vela, e os levasse á Bahia. Ajustadas, e distribuidas todas estas ordens, teve El-Rey recado da Rainha para se achar no despacho o dia destinado. Não se lhe offereceo embaraço; e logo que entrou tiveraõ ordem a Nobreza, e Tribunaes, e pessoas do Povo, para subirem ao quarto d'El-Rey, e aguardarem nova ordem da Rainha do que haviaõ de executar. Achavaõ-se confusos todos os que hiaõ chegando ás antecameras, por não se haver decifrado o fim daquelle movimento; e no mesmo ponto, que El-Rey entrou no despacho, subio ao seu quarto Luiz de Mello, e Manoel de Mello, e havendo-se dilatado o Duque do Cadaval a segurar com soldados da guarda a porta da ultima escada, encontrando Luiz de Mello a Antonio de Conte, lhe perguntou pelo Duque: respondeo-lhe, que o não havia visto; e temendo na incõstancia da fortuna, que lograva, ameaçado o seu precipicio, passou á casa interior, que tinha janellas cerradas com grades para o eirado, e fechando ligeiramente a porta, deu volta á chave, deixando-a na fechadura. Chegou neste tempo o Duque, e Duarte Vaz; intentou

Manda prender a Antonio de Conte, e seu irmão, e outras pessoas indignas, que assistiaõ a El-Rey.

tentou o Duque abrir a porta com a chave mestra, achou a difficuldade da que estava por dentro; e presumindo-se, que Antonio de Conte poderia passar por outra porta, que havia na casa, ao quarto da Rainha, passou Manoel de Mello a seguralla, e o Duque, e Luiz de Mello pertenderão obrigar a Conte a que abrisse a porta; o que elle não quiz fazer, nem responder aos repetidos golpes, que deraõ nella, pertendendo que a dilacão com a chegada d'ElRey lhe servisse de refugio ao grande, e perigoso aperto, em que se achava. Impaciente o Duque deste contratempo, passou ao eirado, e vio, que Antonio de Conte, havendo com desatino do medo metido por força a cabeça entre as grades da janella, para ver se descobria alguma pessoa, a quem pedisse soccorro, não podia, por mais que forcejava, conseguir rocolhella; correo á janella, e pegando-lhe nos cabellos, mostrou querer matallo. Vendo o Conte o perigo imminente, disse ao Duque, que dispuzesse da sua vida como melhor lhe parecesse: respondeu-lhe o Duque, que aberta a porta, saberia o que se lhe ordenava: replicou, que segurando-lhe a vida, abriria a porta. Prometteo-lhe o Duque, e largando-o para executar o que ficava ajustado, tornou a persistir a não querer abrir a porta. Exasperado o Duque desta cavillação mandou buscar dous machados á Ribeira das Náos, e tanto que chegaraõ, disse a Antonio de Conte, que se o obrigasse a abrir com violencia as portas d'ElRey, que havia de pagar com a vida o ser causa daquella acção. Chegou neste tempo o Conde de Castello-Melhor, que era o Gentil-homem da Camera, que estava de semana, e se havia dilatado na pertençaõ de dar conta a ElRey, que estava no despacho, destes movimentos; o que não pode conseguir pelas anticipadas prevençoens da Rainha; e vendo a deliberação do Duque, se oppoz a ella com palavras colericas, a que o Duque respondeo com outras semelhantes; e fazendo a Antonio de Conte o ultimo ameaço, se rendeo ao receyo de perder a vida na confiança da palavra, que o Duque lhe tinha dado, e abrio a porta, logo foy pre-

Anno 1662. prezo pelo Corregedor da Corte, e Balthazar Rodrigues de Matos moço da guardaroupa, e pelo eirado os levaraõ á Ribeira das Náos, onde estava huma falúa prevenida, que os conduzio ao navio, que tinha as ancoras a pique. No meſmo tempo foy prezo Joaõ de Matos, que havia fido moço da Estribeira, e Fr. Lourenço Taveira expulſo da Religiaõ de São Agoſtinho: porém eſte fugindo das mãos da Juſtiça, ſe precipitou por hum deſpenhadeiro, e ficou taõ impossibilitado, que naõ foy poſſivel conduzillo ao navio, onde já eſtava Joaõ de Conte, e com os dous irmãos, e Joaõ de Matos, ſe fez á véla, porque Balthazar Rodrigues ficou em terra valendo-lhe as diligencias de ſeu ſogro Diogo Botelho de Sande, Tenente da Guarda.

Eſperava a Rainha avizo de que ſe havia dado á execuçaõ a ordem das prizoens; e tanto que o recebeo, mandou entrar na caſa do deſpacho, em que eſtava com ElRey, os Titulos, Fidalgos, Tribunaes, Senado da Camera, e Caſa dos vinte e quatro, que havia mandado convocar, e em preſença de todos leu o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Silva o papel ſeguinte: ¶ A obediencia, que a Rainha noſſa Senhora deve aos preceitos de S. Mageſtade, que Deos tem, e o muito que ama a Real peſſoa d'ElRey N. Senhor, q̄ Deos guarde, o deſejo de alliviar eſtes Reynos, e de correſponder aos vaſſallos delles o bom animo, com que ſempre aſſiftiraõ, e trabalharaõ na ſua deſenſa, foraõ os motivos, que a obrigarãõ a tomar por ſua conta o perigo de governallos, quando a ſua inclinaçaõ, e a ſua perda pediaõ reſoluçaõ differente. Até agora ſolicitou governar á ſatisfaçaõ de todos, ſem perdoar a alguma circumſtancia util a eſte fim; porém reconhece naõ tem baſtado tantas vigilancias repetidas para conſeguir taõ virtuoſo intento, porque os juizos altiffimos de Deos o naõ permitem até agora; e porque ſe multiplicãõ as queixas commuas, a que a Rainha N. Senhora ſe acha obrigada a dar ſatisfaçaõ, teve por conveniente convocar na preſença de S. Mageſtade o Reyno, que em falta de Cortes ſe representa nos Conſelhos,
e Tri-

e Tribunaes, para lhes communicar os remedios, que tem applicado ás queixas, de que os considera offendidos, ordenando-lhes juntamente, que não lhes parecendo sufficientes, lhe representem com toda a liberdade os mais, que tiverem por necesarios, certificando-se todos, que o seu intento he acertar, no que for mais conforme ao serviço de Deos, e bem deste Reyno. He queixa geral, q̄ se não administra justiça com igualdade; e porque esta he a mais principal obrigação dos Reys, e que a Rainha N. Senhora traz mais presente, vendo que não podia resolver as materias contenciosas, deliberou mādár visitar todos os Tribunaes, e Ministros deste Reyno, para que havendo alguns, que não satisfaçam ás suas obrigaçoens, recebam o castigo, que merecer a sua culpa. Sente o Reyno, e a Rainha N. Senhora mais, do que se póde declarar, que tendo El Rey N. Senhor os annos competentes para tomar sobre seus hombros o pezo do governo do Reyno, de que a Rainha N. Senhora tanto deseja livrar-se, S. Magestade se não tenha applicado á direcção dos negocios com o cuidado, que he preciso, e só abraça exercicios perigosos, e violentos; havendo por esta causa repetidas vezes exposto a vida a riscos manifestos, dependendo della a conservação da Monarquia anhelante de ver a Sua Magestade todo entregue ás occupaçoens, que só lhe podem grangear a graça com Deos, amor com os vassallos, e reputação com os extranhos. Nesta consideração ordena a Rainha N. Senhora, que todos peçamos a El Rey N. Senhor se lembre de si, e de nós, gastando tempo em exercicios dignos da sua Real pessoa, e grandeza, encaminhando-os a ser tão grande Rey, como Deos o fez, consolando os melhores vassallos, que nunca teve Rey, pois sem reparar no sangue, nas perdas dos fillos, nas despezas da fazenda, que já não tem, estaõ continuamente dando as vidas, sem outro fim mais, que o de conservarem o nome de vassallos de Sua Magestade. Senhor, pelo que V. Magestade deve a hum Deos, que o fez tão grande, á consolação de huma tal Máy, ao remedio dos taes vassallos, que chegam aos

Anno 1662. Reaes pés de V. Magestade com os coraçãoes rotos de dor, e de desejos nascidos do mais interior de suas almas, de verem a V. Magestade com saude nos achaques do animo, assim como suas lagrimas alcançaraõ de Deos para V. Magestade nas doenças do corpo, que mude V. Magestade os caminhos porque anda, e que nos livre por sua Real clemencia dos sobressaltos, em que o amor, e o desejo da vida, e saude de V. Magestade nos traz continuamente. Empregue V. Magestade melhor seu talento, seu valor, e generosidade de seu animo, imitando, como V. Magestade tanto deseja, as virtudes daquelle taõ grande Rey, author da nossa liberdade, cujas memorias, cujas saudades viviráõ eternamente em nossos coraçãoes; e soffra-nos V. Magestade fazermos-lhe estas lembranças, porque servir os Reys a seu gosto, he gosto; mas servillos dizendo-lhe ás vezes o que poderá não lhes contentar, he virtude muito propria de vassallos Portuguezes, e juramos, como já temos jurado, e juraremos mil vezes prostrados humimalissimamente aos Reaes pés de V. Magestade, a mayor obediencia, e a mayor resolução de dar as vidas pelo Real serviço de V. Magestade.

Naõ he menos a queixa do Reyno, e o sentimento da Rainha N. Senhora, de se haverem introduzido no Paço, e muito junto á Real pessoa d'ElRey N. Senhor, sujeitos de inferior qualidade, e de taes costumes, conselhos, e artes, que para se estabelecerem no poder, e favor, que tem tomado, semeaõ desunião entre os Grandes, e divertem a natural benignidade d'ElRey N. Senhor, a fim de seus interesses, procurando persuadir-lhe tem necessidade de suas pessoas para conciliar os animos de seus vassallos, para os pôr á sua obediencia, para ser Rey entre os mesmos; que para que S. Magestade o veja, lhes parece a cada hum pouco mil vidas, perturbando com a sombra de S. Magestade os meyoys do bom governo, e da justiça, cõmettendo de noite, e de dia os delictos, que com tanto escandalo são notorios nesta Corte; que se ElRey N. Senhor os soubera todos, os castigara com muito rigor, atrevendo-se a

inten-

intentar discordia até no sagrado com discursos indignos de toda a imaginação contra o decoro da fé; do sangue, do amor, do respeito, e da unica, e legitima adoração, que só está na Real pessoa d'ElRey N. Senhor. Como esta queixa he a mayor, e que só envolve em si todas as outras, porque se falta com ellas muito principalmente á justiça, e a principal causa dos divertimentos d'ElRey N. Senhor, e a que muito perturba, e pôde perturbar mais gravemente ao diante o socego commum no mais interior, e sensível do Reyno, se tem representado á Rainha N. Senhora muitas, e muitas vezes com toda a instancia por grande parte dos Ministros, que se achão presentes, e por outros, que o não estão, e por pessoas zelosas do serviço de Deos, e bem do Reyno, de muita edificação na vida, e nas virtudes; convém muito muito atalhar este damno, de mais de outras razoes, por aplacar a ira de Deos N. Senhor, que nos castiga tão gravemente, tirando de junto á Real pessoa de S. Magestade estes inimigos, que nos poem a Corte em mayor perigo, do que os Castellanos nos poem nas fronteiras; porque estes, quando muito, nos tiraõ a vida, e os outros a vida, a reputação, o favor, e misericórdia de Deos. Conformando-se a Rainha N. Senhora com o commum sentir de tantos, e tão graves Ministros, e vassallos, o tem mandado executar assim, e o quiz fazer a saber a todos os Tribunaes juntos, para que tenhaõ entendido, e por elles todo o Reyno, a estimação, que S. Magestade faz, e fará sempre do zelo, advertencias, e conselhos de taes pessoas, e se certifiquem melhor do grande desejo, que a Rainha N. Senhora tem de satisfazer ás obrigaçoens da sua consciencia, e da Regencia do Reyno, em quanto o tem á sua conta.

Senhor, isto que tenho referido lo mais brevemente que pude, não he meu na substancia, nem ainda nas palavras: he, como tenho dito, dos Ministros, e dos vassallos, a que o zelo, a consciencia, a honra, e o desejo da saude publica obrigou a representar á Rainha N. Senhora; e são tudo cousas tão conformes á razão,

Anno
1662.

e a justiça, de que V. Magestade he tão zeloso, que esperamos muito confiadamente do juizo de V. Magestade, da sua clemencia, e da inclinação que todos conhecemos em V. Magestade, para o melhor do muito que aborrece a lisonja, e estima a liberdade, e inteireza dos Ministros, que não só approve o que com tão boas considerações está disposto, mas que conheça a igualdade, e o fogo do seu Real animo, e boa tenção, e o cordeal affecto, com que o aconselhou, e obrou o Reyno por meyos de tão grandes vassallos; assim o pedimos prostrados humilissimamente diante do Real acatamento de V. Magestade.

Acabado de ler este papel (copiá tirada do original) beijarão todos, os que estavaõ presentes, a mão a ElRey, e á Rainha; e ElRey não havendõ percebido em todo aquelle acto mais, que os eccos das razoes repetidas por Pedro Vieira, sahio delle muito satisfeito do amor, que devia a sua mãy, e a seus vassallos; e perguntou ao Monteiro mór, se aquelle ajuntamento foraõ Cortes. Respondeo-lhe com inteireza, e verdade solida: que as publicas queixas de todo o Reyno, assim de Antonio de Conte, como de ou tras peisoas, de que se sabia punhaõ a vida de S. Magestade em perigo, e a sua authoridade em discreditõ, e por consequência a conservação do Reyno em manifesto risco, obrigaraõ á Rainha a dar ordem, para que os separassem da companhia de S. Magestade, prendendo-os, e desterrando-os; o que se havia executado por conselho dos vassallos zelosos, e amantes de S. Magestade; e que na presença dos Tribunaes se dera a S. Magestade conta no papel, que se lera, desta deliberação, para que fosse servido approvallá, pois nella se havia acodido ao serviço de Deos, e ao de Sua Magestade. Ouvindo ElRey estas razoes do Monteiro mór, que devia agradecer-lhe, entregue todo aos precipicios da colera, perguntou, onde estava Antonio de Conte, que queria ir buscallo. Respondeo-lhe o Monteiro mór, que S. Magestade não devia apaixonar-se; porque aquella acção fora não em offensa, mas em beneficio seu, de que devia dar mui-

tas

tas graças á Rainha, e a seus Ministros, pois que com tanto zelo apartavao do lado de S. Magestade homens, que, tomando-o só para si, lhe faziao perder o amor de todos, que deviao venerallo com o amor de filhos, e respeito de vassallos, de que se abstrahiao, sem aquella separação; e por este respeito os havião embarcado em hum navio, que já estava fóra da Barra na derrota da Bahia. Ouvindo ElRey estas prudentes razoens do Monteiro mór, ficou focegado; porém sahindo o Monteiro mór da sua presença, e entrando nella outros menos zelosos, sendo o mais arrojado hum reposteiro, chamado Manoel Antunes, lhe introduziraõ novos incentivos de ira, e lhe ensinaraõ mysteriosa dissimulação, que se lhe descobrio, pela desigualdade do animo pouco disposto a saber usar das filacterias da industria.

No dia seguinte acodio toda a Nobreza a acompanhar ElRey á Tribuna, e o Infante, que a Rainha havia obrigado a não concorrer nos successos antecedentes, mostrou a ElRey tanto carinho, e obediencia, que, se fizera reflexão, pudéra conhecer naquelle acto, que todas as demonstrações executadas havião sido em ordem á sua maior segurança, e grandeza: porém como os interessados na mudança do governo lhes não convinha levar esta materia pelos caminhos da razão, e só que-rião tirar a substancia dos seus intentos da apparencia, e não da realidade, começaraõ a introduzir no animo d'ElRey, e a espalhar na ignorancia do Povo, que a Rainha, e todos os que a aconselharaõ, havião delinquido contra a authoridade Real, dando titulo de cada falso, e a sentença de degredo em cabeça alheya ao acto de sociedade, que a Rainha na presença d'ElRey havia celebrado; acrescentando, que Antonio de Con-te, e os mais delinquentes podiaõ ser divididos d'El-Rey, e castigados por caminhos menos escandalosos: de que se conhecia claramente, que todas estas maqui-nas foraõ formadas para a Rainha se eternizar no go-verno sem censura dos Povos, que contavaõ em ElRey dezanove annos; pertendendo mostrar, que a sua inca-pacidade era a causa de se quebrarem as leys do Rey-

Anno
1662.

no havia cinco annos; sendo a Rainha só a culpada nas defordens d'ElRey pela má criação, que lhe dera, com o fim de o incapacitar para o governo, em que conseguia dilatar-se nelle, e dispollo para entregar o Reyno ao Infante, que affectuosamente amava. Admittiaõ com pouco zelo estes discursos os que, attendendo só ás conveniencias particulares, não reparavaõ na estreiteza do Reyno, para poder soffrer ao mesmo tempo tres exercitos Castelhanos, e huma guerra Civil. Porém os desinteressados, e verdadeiramente zelosos da conservação publica, conhecendo a dolosa cavillação destas maliciosas vozes, diziaõ, que a resolução, que a Rainha havia tomado, fora a mais heroica, e a mais justa, que devia celebrar a fama, e a fórma fora a mais justificada, que se podia escolher; porque olhando-se para o damno do Reyno, não podia haver outro mais prejudicial, que estar ElRey assistido, e absolutamente governado por homens viciosos, e insolentes, de que se seguiaõ dous tão graves damnos, como revestir-se ElRey com o trato continuo daquelles mesmos costumes, e corromper-se a justiça miseravelmente rendida, e violentada: que se haviaõ buscado quantos remedios püderá descobrir a industria, para divertir ElRey deste tão urgente perigo, e se experimentara, que não só não diminuia, mas que por horas multiplicava; e com estes profanos exercicios crescia o risco manifesto da soberana authoridade da Rainha; de que estimulada a sua grande prudencia determinara largar o governo, ainda antes de expulsos Antonio de Conte, e seus sequazes; o que lhe não permittiraõ os maiores Ministros, e pessoas mais doutas daquella Corte, por se não verem infelizmente entregues á direcção absoluta de Homens escandalosos; e por este respeito se tomara a louvavel resolução de se fazer manifesto na presença d'ElRey o que se não podia encobrir, pela publicidade, com que se obrava; e que estes foraõ sempre os caminhos, por onde os antigos Varoens Portuguezes procuravaõ emêdar descaminhos dos seus Principes muito menos relevantes, dizendo (além de outros muitos exem-

exemplos) a ElRey D. Affonso o IV. por ir muitas vezes á caça , que buscariaõ Rey que os governasse. A ElRey D. Joaõ o Primeiro , que lhe não faltavaõ a elle vassallos para ganhar Tuy, que lhes faltava a elles hum Rey Artur , que os governasse; porque referir aos Principes os seus desacertos na sua presença era zelo , e virtude dos vassallos ; na sua ausencia murmuraçãõ , e malicia ; e que era sem duvida não poder ter outro algum fim mais , que da conservação do Reyno lér-se a ElRey em publico o papel que se condemnava ; porque os seus desconcertos descobrião-se lastimosamente pelas suas obras , não por aquellas palavras ; e aquelles , que o irritavãõ para lhe obedecer , querião emendallo sem attenção ao perigo proprio ; e os que o desculpavãõ para o governar , tratavãõ de lisonjeallo , sem reparar no damno publico : que a Rainha na primeira idade havia dado a ElRey virtuoso Mestre , na mais robusta generoso Ayo, fazendo que fosse assistido dos moços mais nobres , e dos velhos mais prudentes ; sendo estas as unicas doutrinas , com que se pôdem educar os Principes izentos de castigos mais rigorosos . que a astucia, e vigilancia de Antonio de Conte não dera nunca lugar a poder ser prezo em outra fórma , e que a Rainha estava tão fóra de querer perpetuar-se no governo do Reyno , como justificava a mesma acção , que fizera, e a fórma, com que a executara, porque se quizera dilatar-se no dominio , para que havia de exasperar a ElRey seu filho ; sem mais fim, que o da sua emenda , podendo eternizallo no encanto dos seus appetites, segura por este caminho de a inquietar na sua regencia; e se desejava habilitar o Infante para lhe entregar o Reyno , que melhor estrada podia encontrar, que a mesma , que ElRey seguia , em que tão continuamente arriscava a vida , e a reputação ; razoens fundamentaes , de que se colhia , que todos os que encontravãõ este discurso , não querião dar o governo do Reyno a ElRey, querião tirallo á Rainha , para usarem delle á medida das suas conveniencias.

Estando nos termos referidos com tantos , e tão

Anno. 1662. poderosos contrarios esta taõ prejudicial contenda, chegou o dia de Domingo, em que era costume mandar-se recado ao Gentil-homem da Camera, que havia de succeder na semana ao Conde de Castello-Melhor, que tinha dado fim ao seu exercicio na antecedente, ordenou ElRey, que continuasse a seguinte. Esta novidade deo cuidado á Rainha: porém como o seu intento era entregar a ElRey o governo, naõ tratou de se acautelar com prevençaõ alguma, nem ainda com a demonstraçãõ clara de huma carta, que o Conde de Castello-Melhor escreveu da quinta de Alcantara da parte d'ElRey ao Secretario de Estado, perguntando, se era morto Antonio de Conte, e outros particulares, com termos taõ defabridos, que manifestamente descobriaõ toda a maquina, que se fabricava. Voltou ElRey para o Paço, e antes que entrasse no seu quarto, foi fallar á Rainha, como costumava; e no dia seguinte, que era terça feira, naõ houve novidade, que alterasse o socego publico. A quarta feira, vinte e hum de Junho, pelo meyo dia entrou ElRey em huma liteira com o Conde de Castello-Melhor, e mandou guiar para Alcantara, seguido da guarda ordinaria, sem dar parte á Rainha, e ordenou ao Conde de Atouguia fosse em seu seguimento, e a Sebastiaõ Cesar, (solto depois da morte d'ElRey sobre a confiança de seis carcereiros) fazendo-o Conde de Castello-Melhor, para facilitar a empreza, a que se arrojava, eleiçaõ destes dous Ministros, assim pelo grande talento, e capacidade, que nelles reconheciamos, como por serem, os que se achavaõ menos dependentes do governo da Rainha; porque o Conde de Atouguia conservava no animo o grande aggravo de se lhe haver tirado sem causa o governo da Provincia de Alentejo; e no coraçãõ de Sebastiaõ Cesar reinava desejo insaciavel de mostrar ao mundo, governando, que sabia restaurar a opiniaõ perdida na prizaõ, e causas della, que ElRey D. João justificou antes de sua morte. Chegou ElRey a Alcantara, e juntos os tres Ministros, passaram varias ordens a todos os Titulos, e Fidalgos, que entenderãõ naõ duvidariãõ de obedecer a ellas, para que viessem

viessem assistir a ElRey; e chamando ElRey a Pedro Fernandes Monteiro para Alcantara, elle com louvavel zelo escusou com outros pretextos, e com Pedro Vieira da Silva continuou os recados, que a Rainha mandou a ElRey: e creveraõ aos Governadores das Torres, e a todas as Provincias do Reyno, que ElRey havia tomado posse do governo. Sem controversia foi aceita, e obedecida esta ordem d'ElRey; porque como a Rainha naõ havia intentado encontrala, e só desejado, que esta mudança se fizesse por caminhos mais decorosos, naõ acharaõ contradicãõ as disposiçoens referidas; só pareceo conveniente aos Conselheiros de Estado, que a Rainha mandou chamar logo, que lhe chegou a noticia da resoluçãõ d'ElRey, que se desse a ordem a Manoel Pacheco de Mello, para que na Cruz da Esperança aguardasse toda a Nobreza, que fosse para Alcantara, e dissesse a cada hum dos que chegassem, que a Rainha os chamava para lhes fallar, antes de obedecerem á ordem d'ElRey. Quasi todos voltaraõ ao Paço a fallar á Rainha; noticia que deo grande cuidado, aos que assistiaõ a ElRey, que se desvanecio depressa, porque a Rainha depois de informar a todos do seu animo, e da justa queixa, com que estava de se pôr em duvida a determinaçãõ, que tinha de entregar a ElRey o governo, os mandou para Alcantara, naõ querendo admitir a opiniaõ de muitos, que lhe aconselhavaõ, que antes de largar o governo, castiga-se os authores da resoluçãõ, que ElRey tomara, por naõ ficar estabelecido exemplo taõ prejudicial. O concurso da Nobreza deixou livres aos tres Ministros deste receyo, e a Rainha pelas dez horas da noite mandou ao Bispo de Targa com huma carta a ElRey, que continha as razoens seguintes.

Muito alto, e poderoso Principe, Eu a Rainha envio muito a saudar a V. Magestade, como aquelle que sobre todos meus filhos muito amo, e prezo. Agora soube que havieis passado á quinta de Alcantara, e que mandareis levar cama, chamar Fidalgos, e alguns Officiaes de vossa Casa, o que junto a me naõ dares noticia desta jorna-

Anno
1662.

da, parecem indícios de intentares separarvos da minha companhia; e supposto, que eu não faltei atégora ás obrigaçoens de Rey, me chego a persuadir, que vos podereis arrojare a faltar á obediencia de filho; e neste sentido vos rogo muito que, para fazer cessar o rumor deste Povo, vos queirais logo recolher ao Paço, certificando-vos, que nenhuma das pessoas, que vos assistem, vos tem tanto amor como eu, nem desejaõ mais, que eu, a vossa conservação, e augmento, sem me obrigar a este affecto nenhum respeito particular, porque todos dedico ao maior interesse, e credito vosso; e se esta vossa acção se encaminha a querer entrar a governar estes Reynos, sabe Deos que o desejo muito mais, que vós; e que só a este fim se encaminharão algumas resoluçoens, de que vós sem causa justa tomarieis sentimento. Comigo deveis tratar esta materia; porque assim podereis conseguir o vosso intento sem estrondos, nem inquietaçoes, e com a suavidade, e obediencia, que deveis a Deos, e a vossos Pays. Vossos saõ estes Reynos, e eu os governo em vosso nome; e se foraõ meus, só para vós os quizera. Vinde, como vos peço, e aqui juntaremos o Reyno, como for possível, e elle, que me entregou este governo, volo entregará, antes que qualquer de junção, que entre nós haja, o entregue a nossos inimigos, que se achão com tres exercitos poderosos, e com este, se agora se levantar, mais poderoso que todos, a quem sem duvida se seguirá a total ruina. Querei pelo amor de Deos, pelo amor de vossos vassallos, e pelo que vos mereço, considerar esta materia com madura reflexão; pois he tão importante, e tanto para encommendar a Deos, que guarde a V. Magestade, muito alto, e poderoso Principe, meu sobre todos amado, e prezado filho, e o encaminhe, como muito muito desejo, e lhe peço. Escrita em Lisboa a vinte e hum de Junho de mil e seiscentos sessenta e dous. Vossa boa May.

RAINHA.

Com a carta referida entrou o Bispo de Targa na presença d'El Rey, e entregando-a, lhe encareceo brevemente o animo, com que a Rainha estava de lhe entre-

tregar o governo, sem mais intento, que executar-se esta acção, sem deixar caminho ao juizo dos homens de parecer violento o que era taõ voluntario, como constava á maior parte dos Ministros, que lhe assistiaõ. Depois d'ElRey ouvir estas razoens do Bispo, o mandou sahir da casa, em que estava; porque naõ tinha permissaõ dos tres Ministros para responder sem conferencia, e della resultou tornar a chamar o Bispo, e dizer-lhe, que ao dia seguinte mandaria a resposta, e que esta podia dar á Rainha. Voltou o Bispo, e os tres Ministros fizeram logo a resposta, que ao dia seguinte levou á Rainha D. Thomás de Noronha Conde de Arcos, e nella se expunhao as razoens, que se seguem:

Anno
1662.

Muito alta, e poderosa Rainha de Portugal, e dos Algarves, daquem, e dalém mar, em Africa, Senhora de Guiné, da Conquista, Navegação, Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, minha sobre todas muito amada, e prezada Mãe, e Senhora: Eu ElRey envio muito a saudar a V. Magestade. Tendo respeito ao estado, em que este Reyno se acha com a oppressão dos exercitos dos inimigos desta Coroa, e determinar acodir á elles, como obediente filho de V. Magestade; compadecido do continuo trabalho, em que V. Magestade, depois da morte d'ElRey meu Senhor, e Pay, governa estes Reynos, cuja conservação se deve ao disvelo, e prudencia de V. Magestade, me resolvei a alleviar a V. Magestade; pois segundo as leys deste Reyno excedo muito os annos da tutoria, esperando com o favor Divino approvação de V. Magestade, assistencia, e conformidade com o Infante D. Pedro meu Irmão, satisfazer meus Vassallos, e triumphar dos inimigos desta Coroa. Muito alta, e poderosa Rainha de Portugal, e dos Algarves, minha amada, e prezada Mãe, e Senhora, nosso Senhor haja á V. Magestade em sua santa guarda. Escrita em Alcantara a 21 de Junho de 1662. Beija a mão de V. Magestade seu obediente filho.

R E Y.

Anno
1662.

Outra carta da mesma substancia desta levou ao Infante Antonio de Miranda Henriques, e promptamente lhe remeteo a resposta por D. Rodrigo de Menezes, que continha obsequios, e agradecimentos de lhe participar a sua resolução, pedindo-lhe suavemente quize-se tomalla com satisfação universal na companhia da Rainha sua Mãy, e que para o acompanhar ao dia seguinte na volta para o Paço, pedia a S. Magestade licença. A Rainha considerando as razoens da carta, que lhe levou o Conde de Arcos; que manifestavaõ, que El-Rey não determinava voltar ao Paço, esforçou as diligencias por todos os caminhos, que lhe foi possível, para o dissuadir deste intento: porém todas eraõ artificialmente interpretadas, dizendo-se a El-Rey, que a Rainha determinava levalo ao Paço, para ficar continuando o governo em descredito da sua opiniaõ, e em perigo dos que pelo servirem, se havião empenhado naquelle intento. Voltou o Conde de Arcos com outra carta da Rainha, em que dizia, depois dos titulos costumados:

Agora acabei de vos escrever, e de vos mandar offercer pelo Bispo de Targa o mesmo, que me pedi nesta vossa carta, e vo-lo disse Sabbado, como vos consta, depois de vos tirar os impedimentos, que vos podiaõ prejudicar nesta deliberação; e Deos he testimunha, que nem tive, nem tenho outra reserva; e só vos peço filho, pelo que vos mereço, que me não difficulteis fazer esta acção, como convém a vós, a mim, e a estes Reynos. Voltai para vossa Casa, e estai certo, que sem hum instante de dilacão tratarei de vos entregar o governo. Fiai-vos de hum Mãy, que vos criou com muito amor, e que nenhuma cousa deseja tanto, como ver-vos governar com grande aserto, e felicidade: assim o espero na misericórdia de Deos; e para que elle vos ajude, he necessario entenderdes, que o que vos tenho repetido, he o que vos convém por todos os respeitos.

A esta carta da Rainha não respondeo El-Rey, porque

que faltavão pretextos para encontrar os seus prudentísimos, e verdadeiros rogos tão justificados, que parecia temeridade contradizellos, e continuado-se as negociações por outra estrada, foi ordem ao Secretario de Estado Pedro Vieira, para que ao outro dia pela manhã fosse fallar a ElRey. Deo elle conta á Rainha, que lhe mandou obedecerse promptamente, e supposto que ElRey não havia chamado ao Infante, nem deferido á licença, que lhe tinha pedido para lhe assistir, lhe ordenou a Rainha, que passasse a Alcantara, e que com toda a submissão, e rendimento periuadisse a ElRey quizesse voltar para o Paço a aceitar nelle o governo do Reyno, fazendo-lhe entender que o enganava, quem o periuadia, que ella tinha mais intento, que ver-se livre de carga tão pezada. Obedeceo o Infante sem interpor dilatação: chegou a Alcantara, fallou a ElRey, e expoz-lhe com efficacissimas razoens o muito, que lhe convinha tomar o governo na fórma, que dispunha a Rainha sua Mãe: porém ElRey obstinado na sua resolução despedio o Infante, que voltou para a Corte Real, e entrou o Secretario de Estado a fallar-lhe, obedecendo á sua ordem. Disse-lhe ElRey, que havia nomeado seis Conselheiros de Estado, que lhe passasse logo os despachos; e depois de declarar quem erão, lhe respondeo Pedro Vieira, que pedia a S. Magestade quizesse suspender esta nomeação, porque ainda que todos aquelles Fidalgos fossem dignos da occupação, para que estavão destinados, que o tempo fazia a nomeação menos decente, e o numero menos estimavel: que ElRey seu Pay gastava seis annos para escolher hum Conselheiro de Estado, e Sua Magestade elegia seis em huma noite, e que supposto, que todos parecia forão escolhidos com madura consideração, com tudo, que a preisa, a confusão, e não haver Sua Magestade (como parecia decoroso) dado conta á Rainha, em quem ainda estava o governo do Reyno, e que ordinariamente nomeações intempestivas costumava o mundo a não julgar por acertadas; e que justificando-se na essencia ser feita aquella nomeação em Ministros tão benemeritos,

Anno
1662.

ritos, feria offendellos destruílla na circumstancia: que Sua Magestade fosse servido querer voltar para a companhia de sua Mãe; porque nella se lhe entregaria o governo pacifico com legitimas ceremonias, sem ser necessario usar de meyo nullo, e violentos, dando-se a entender ás Naçoens extranhas, que S. Magestade tomava por força o Reyno, que lhe pertencia por successão, sem mais fim, que de authorizar a resolução, que a Rainha sua Mãe tinha, de executar com muita suavidade o mesmo, que elle pertendia conseguir com violencia; e de que esta era firme, e de muito tempo assentada deliberação da Rainha, devia Sua Magestade ter por indubitavel, principalmente depois da Rainha lhe haver escrito o mesmo, que elle lhe segurava debaixo da sua Firma Real; e que feria sacrilega temeridade presumir-se podia faltar á sua palavra, quando repetidas, e virtuosas acçoens a coroavaõ Heroica daquelle seculo. El Rey ouvindo as razoes referidas ficou com a costumada perplexidade, e foi a conclusão do argumento ordenar a Pedro Vieira fizesse o despacho aos Conselheiros de Estado na fórma, que lhe mandara. Obedeceu elle vendo infructuosas as replicas; e logo chamou El Rey a Conselho de Estado, em que entraraõ os seis nomeados, que foraõ o Conde de Atougua, o Conde de Arcos, o Visconde de Villa-Nova, o Marquez de Cascaes, Antonio de Mendocça, e o Conde de Obidos; e propondo-se tudo o que fica referido, desejando o Conde de Atougua, que se emendassem tantos desconcertos, disse: que para S. Magestade tomar posse do governo do Reyno com decencia, e legalidade, era preciso ordenar ao Secretario de Estado referisse a fórma, e o estylo, com que se procedia em similhantes actos. Concordaraõ os mais nesta opiniaõ, e El Rey mandou a Pedro Vieira referisse o que sabia daquella materia; e elle com zelo, e prudencia, sem embaraço, ou receyo, expoz: Que os Reys, ainda que tinhaõ o direito da successão, naõ costumavaõ tomar por si posse do governo; porque sempre era necessario, que o Reyno, ou quem o representasse, se sujeitasse em

em acto publico á sua obediencia com os antigos estylos, e uzadas ceremonias de cada huma das Naçoens; e que em quanto aquelle acto se não celebrava, não estava introduzido no dominio o successor do Reyno, fazendo-se instrumentos publicos, que serviaõ de titulos para os presentes, e de memoria para os vindouros: que o Reyno em virtude do testamento d'El Rey Dom Joaõ havia entregue o governo á Rainha, dando-lhe os Sellos, em que estava vinculado o Real poder, tem os quaes S. Magestade se achava, e por esta falta tudo, o que obrava, era com violencia, e sem justiça, e todos os vassallos, que lhe obedeciaõ, vinhão contra razão obrigados do receyo; porque, supposto que em S. Magestade estava a Coroa, e o Sceptro, a Rainha sua Mãy tinha a regencia, e o dominio; e que se aos dous igualmente se devia o decoro da Magestade, unicamente á Rainha a obediencia dos preceitos: que não quizesse S. Magestade perverter o estylo sempre observado pelos antigos Reys de Portugal, sem mais que o errado fim de querer tomar por força o governo, que a Rainha pertendia entregar-lhe por vontade, arriscando-se com aquella resolução a fazer menos faustos os auspicios do seu futuro governo, não só no Reyno proprio, mas nos extranhos, onde a sua determinação havia de ser julgada; e que se S. Magestade duvidava do animo da Rainha, que fosse servido mandar qualquer daquelles Fidalgos á Secretaria de Estado, que elle lhe daria a chave de hum escriptorio, em cuja maior gaveta se achariaõ feitas todas as ordens necessarias para a formalidade daquelle acto, e que vistas, e nellas expressa a vontade da Rainha, devia S. Magestade accommodar-se com a sua resolução, e voltar ao Paço, onde se lhe faria entrega do governo do Reyno, não só sem controversia, mas com geral applauso: que isto era o que convinha que se executasse; e que, sendo uteis a todos em geral as justificadas acçoens de S. Magestade, tocavaõ particularmente aos que assistiaõ na sua Real presença, tendo por obrigação principal aconselharem-no justa, e virtuosamente.

Estas